

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, NATURAIS, SAÚDE E TECNOLOGIA
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS

SILAS DE JESUS SILVA MORAES

**A IGREJA ASSEMBLEIA DE DEUS NO BRASIL E O MOVIMENTO ECUMÊNICO
MUNDIAL**

Pinheiro

2020

SILAS DE JESUS SILVA MORAES

**A IGREJA ASSEMBLEIA DE DEUS NO BRASIL E O MOVIMENTO ECUMÊNICO
MUNDIAL**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à coordenação do curso de Licenciatura em Ciências Humanas, habilitação História, para obtenção do título de Graduação.

Orientador: Prof. Dr. Ítalo Domingos Santiroch

Pinheiro

2020

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Silva Moraes, Silas de Jesus.

A Igreja Assembleia de Deus no Brasil e o Movimento
Ecumênico Mundial / Silas de Jesus Silva Moraes. - 2020.
62 f.

Orientador(a): Prof. Dr. Ítalo Domingos Santiroch.
Curso de Ciências Humanas - História, Universidade
Federal do Maranhão, UFMA, 2020.

1. Assembleia de Deus. 2. Movimento Ecumênico. 3.
Movimento Pentecostal. I. Santiroch, Prof. Dr. Ítalo
Domingos. II. Título.

SILAS DE JESUS SILVA MORAES

**A IGREJA ASSEMBLEIA DE DEUS NO BRASIL E O MOVIMENTO ECUMÊNICO
MUNDIAL**

Aprovado em ____/____/____

Prof. Dr. Ítalo Domingos Santiroch
(Orientador)

Profa. Ma. Jacimara Sarges Abreu
(Banca externa)

Profa. Ma. Priscila de Oliveira Silva
(Banca Interna)

Pinheiro
2020

RESUMO

Os Movimentos Ecumênico e Pentecostal modernos, começaram quase paralelamente, no início do século XX. O Movimento Ecumênico propõe e promove um princípio chamado “Ecumenismo”, cuja proposta é a união entre os cristãos de diferentes tradições, para que se respeitem mutuamente e rompam com as divisões e os preconceitos que os separam. Atualmente, porém, há discussões em torno do chamado “macro ecumenismo”, que propõe a extensão desse princípio para outras religiões e culturas. No Movimento Pentecostal, encontra-se um princípio chamado “Pentecostalismo”, no qual afirma-se a necessidade da presença de Deus na vida do fiel, através da ação do Espírito Santo, que concede poder e dons espirituais para a execução eficaz da missão e do ministério. O pentecostalismo inspirou o surgimento de várias igrejas, entre elas a Assembleia de Deus (especialmente a brasileira) que, assim como a maioria dos pentecostais não aderiu ainda ao ecumenismo. Neste TCC, pretendemos avaliar os motivos pelos quais a AD não faz parte do Movimento Ecumênico mundial.

Palavras-chave: Movimento Pentecostal, Movimento Ecumênico, Assembleia de Deus.

ABSTRACT

The modern Ecumenical and Pentecostal Movements started almost parallel, at the beginning of the 20th century. The Ecumenical Movement proposes and promotes a principle called "Ecumenism", whose proposal is the union between Christians of different traditions, so that they respect each other and break with the divisions and prejudices that separate them. Currently, however, there are discussions about the so-called “macroecumenism”, which proposes the extension of this principle to other religions and cultures. In the Pentecostal Movement, there is a principle called “Pentecostalism”, which affirms the need for the presence of God in the life of the believer, through the action of the Holy Spirit, who grants power and spiritual gifts for the effective execution of the mission and of the ministry. Pentecostalism inspired the emergence of several churches, including the Assembly of God (especially the Brazilian one), which, like most Pentecostals, has not yet adhered to ecumenism. In this CBT, we intend to evaluate the reasons why AD is not part of the worldwide Ecumenical Movement.

Keywords: Pentecostal Movement, Ecumenical Movement, Assembly of God.

ÍNDICE DE ABREVIATURAS

ACM - Associação Cristã de Moços

AD - Assembleia de Deus

AEB - Aliança Evangélica Brasileira

AESP - Aliança Evangélica de São Paulo

AL - América Latina

AMIR - Aliança Mundial de Igrejas Reformadas

ASEL - Ação Social Ecumênica Latino-americana

CADSA - Confederação das Assembleias de Deus Sul-Americana

CADB - Convenção da Assembleia de Deus no Brasil

CBC - Comissão Brasileira de Cooperação

CCLA - Comitê de Cooperação para a América Latina

CEB - Confederação Evangélica Brasileira

CEDI - Centro Ecumênico de Documentação e Informação

CEI - Centro Ecumênico de Informação

CELAS - Conferências Evangélicas Latino-Americanas

CEPLA - Comissão Pentecostal Latino-Americana

CESE - Coordenadoria Ecumênica de Serviço

CGADB - Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil

CLAI - Conselho Latino Americano de Igrejas

CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

CNPB - Conselho Nacional de Pastores do Brasil

CMI - Conselho Mundial de Igrejas

CONAMAD - Convenção Nacional das Assembleias de Deus no Brasil

CONIC - Conselho Nacional de Igrejas Cristãs

CPAD - Casa Publicadora das Assembleias de Deus

CPM - Conferência Pentecostal Mundial

CPT - Comissão Pastoral da Terra

FBM - Federação Batista Mundial

FLM - Federação Luterana Mundial

ICAR - Igreja Católica Apostólica Romana

ICLB - Igreja de Confissão Luterana no Brasil

ISAL - Igreja e Sociedade na América Latina

SRS - Setor de Responsabilidade Social

UCEB - União Cristã de Estudantes do Brasil

UNELAM - Unidade da Igreja Evangélica Latino-Americana

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	p. 9
CAPÍTULO 1: O ECUMENISMO CONTEMPORÂNEO, A PROPOSTA PROTESTANTE PARA O ECUMENISMO.....	p. 14
1.1 A origem do Movimento Protestante.....	p. 14
1.2 Episódios precursores do Ecumenismo Protestante.....	p. 15
1.3 As primeiras alianças ecumênicas.....	p. 16
1.2 SÉCULO XX: O APOGEU DO MOVIMENTO ECUMÊNICO.....	p. 17
1.2.1 Outras alianças ecumênicas e a Conferência de Edimburgo.....	p. 18
1.2.2 O Conselho Mundial de Igrejas (CMI).....	p. 18
1.2.3 A entrada da Igreja Católica Ortodoxa no ecumenismo.....	p. 20
1.2.4 A entrada da Igreja Católica Romana no ecumenismo.....	p. 21
CAPÍTULO 2: O ECUMENISMO NO NOVO MUNDO.....	p. 25
2.1 O ecumenismo na América Latina.....	p. 25
2.2 O ecumenismo no Brasil.....	p. 28
2.3 O ECUMENISMO NO SÉCULO XXI: AVANÇO X ESTAGNAÇÃO (?).....	p. 34
2.3.1 Ecumenismo, globalização e macroecumenismo.....	p. 34
2.3.2 As dificuldades das igrejas em relação ao ecumenismo.....	p. 35
2.3.3 Os cristãos “antiecumenismo”.....	p. 36
CAPÍTULO 3: O ECUMENISMO E A ASSEMBLEIA DE DEUS.....	p. 37
3.1 Movimento Pentecostal: etimologia e origem histórica.....	p. 37
3.2 Principais momentos precursores do Pentecostalismo moderno.....	p. 39
3.3 O Movimento Pentecostal moderno.....	p. 41
3.4 A origem da Assembleia de Deus e o pentecostalismo no Brasil.....	p. 42
3.5 Ecumenismo, Pentecostalismo e Assembleia de Deus: contatos e conflitos.....	p. 46
CONCLUSÃO.....	p. 60
REFERÊNCIAS	p. 61

INTRODUÇÃO

A Assembleia de Deus, é a maior denominação evangélica pentecostal do mundo, e o Movimento Ecumênico é o maior esforço para a unidade dos cristãos que existe atualmente. Porém, apesar de tamanha representatividade, estes dois fenômenos religiosos são antagônicos, principalmente no Brasil. Tal realidade nos leva a discutir o tema “A Assembleia de Deus no Brasil e o Movimento Ecumênico mundial”, buscando responder ao seguinte questionamento: Por que a AD brasileira não faz parte do Ecumenismo? Para esta recusa, certamente há uma razão, por isso o objetivo deste trabalho é analisar o Movimento Ecumênico, a partir do processo de adesão ou não das igrejas, em especial o caso da AD brasileira.

Etimologicamente, “Ecumenismo” vem do adjetivo “ecumênico”, que vem do grego “*Oikoumene*” e significa: “terra (ou mundo) habitada (o), mundo conhecido e civilizado, universo”. A “*Oikoumene*” já pertenceu aos campos geográfico, cultural e político antes de passar para o religioso, ou seja, foi utilizada com diferentes sentidos ao longo da história, mas o comum entre eles é que sempre remetem a “diferentes ocupando o mesmo espaço e lugar” (GUATURA, 2017, p. 14). Quanto à sua origem, pertence a uma família de palavras do grego clássico (séculos VIII-IV a. C.) procedentes da raiz “*Oikos*”, leia abaixo:

- *Oikos*: casa, vivenda, aposento, povo;
- *Oikeiotês*: relação, aparentado, amizade;
- *Oikeiow*: habitar, coabitar, reconciliar-se, estar familiarizado;
- *Oikonomeô* (verbo): administração, encargo, responsabilidade da casa;
- *Oikoumene*: terra habitada, mundo conhecido e civilizado, universo. ¹

Em suma, percebemos que é da palavra-raiz *Oikos* que procede o termo *Oikoumene*, que dá origem às palavras ecumênico e ecumenismo. É de *Oikos* que “provém todo o entendimento de casa ou mundo habitado (GUATURA, 2017, p. 15). O termo já era utilizado no século VIII a. C. pelo poeta grego Homero, na sua obra *Odisséia*². A autora Maria Florenzano escreve:

[...] *oikos*...geralmente traduzida por casa ou família. Em Homero, contudo [...] é uma unidade econômica, humana, de consumo e de produção [...] tem um chefe guerreiro à testa, juntamente com a sua família, mas seus componentes não são os únicos do *oikoi*. Estes compreendem também todos os servidores e escravos; os bens imóveis: a terra e as casas; os bens móveis: ferramentas, armas, gado etc., dos quais depende a sobrevivência do grupo. ³

1 GUATURA, 2017 apud NAVARRO, J. B. *Para compreender ecumenismo*, p. 9-10.

2 A *Odisséia* é uma literatura Homérica que narra o retorno de Ulisses da guerra de Tróia.

3 FLORENZANO, MARIA B. B. *O mundo antigo: economia e sociedade (Grécia e Roma)*, 2004, p. 14.

Outro detalhe a ser observado, é que a palavra *Oikoumene* está relacionada a termos referentes a morada, assentamento, permanência. Tal compreensão vem dos gregos, que foram os primeiros a utilizarem o termo atribuindo-lhe, a princípio, um sentido geográfico e posteriormente cultural. Em seguida, os romanos aplicaram-lhe um sentido político, e depois os cristãos primitivos atribuíram-lhe um sentido religioso.

Os gregos do século IV a. C., foram os primeiros a trazer a *Oikoumene* para sua realidade, pois em fins daquele século, Alexandre Magno assumiu o trono da Macedônia⁴ e com um exército de quase 48.100 homens derrotou o exército persa sob Dario III, em duas batalhas principais: a de Issos, em 333 a. C. e a de Gagamela, em 331 a. C. Consequentemente, quase todos os territórios do Império Persa foram conquistados por Alexandre que, segundo Guatura (2017, p. 15) “possuía um desejo de tornar o mundo em um único povo, costumes, cultura, língua e conhecimento”. Tal período de expansão territorial, inspirou os escritores gregos a utilizarem a *Oikoumene* com um sentido geográfico (MOTA, 1998, p. 131).

Segundo Mário Schmidt (2008, p. 32), as conquistas de Alexandre espalharam a cultura grega por vários países do Oriente e o encontro entre as culturas orientais e a grega produziu a cultura helenista: “O helenismo foi uma continuação da cultura grega”⁵. Em suma, o espaço *Oikoumene* era aquele ocupado por todos os que praticavam a cultura helênica, em oposição ao espaço não helênico (o bárbaro), ocupado pelos povos que não praticavam o helenismo. Mas, aos 33 anos Alexandre morre na Babilônia em 323 a. C. e seus quatro generais dividiram o Império em quatro reinos. De 323 a. C. até a conquista romana da Grécia em 146 a. C. a cultura helênica alcançou o apogeu e foi neste período que um sentido essencialmente cultural foi atribuído à *Oikoumene*. Mota⁶ (1998, p. 132, Apud SANTANA, 1987, p. 18), escreve:

O helenismo trouxe consigo, entre o século III e I a. C. [...] o conceito de um indivíduo cosmopolita como representante da verdadeira humanidade. Separado de suas raízes locais, pode chegar a abarcar a totalidade do universo. A ignorância, a barbárie começava além das fronteiras do mundo habitado.⁷

O termo “cosmopolita” refere-se a uma sociedade formada por residentes vindos de diferentes culturas e etnias⁸, tal era a sociedade do Império Grego. Nesta diversidade de culturas, “surge o ideal do homem helênico como um elemento unificador e totalizante” (MOTA, 1998, p. 131). O povo que não praticava os conhecimentos e os costumes helênicos, era visto pelos gregos como bárbaro (estrangeiro), sem lei, sem civilização, inferior⁹. Em suma,

4 A Macedônia era um reino situado ao norte da Grécia antiga.

5 SCHMIDT, MÁRIO F. *Nova história crítica*, 2008, p. 32.

6 MOTA, ZWINGLIO D. *O Movimento Ecumênico: História e Significado*, p. 127-163.

7 MOTA, 1998 apud SANTANA, *Ecumenismo e libertação*, p. 18.

8 ARAÚJO, R. R. *Dicionário didático de língua portuguesa*, 2º ed. – São Paulo, 2011, p. 230.

9 Bárbaros – <http://pt.m.wikipedia.org>.

o helenismo foi decisivo para consolidar a concepção de mundo habitado e casa comum do ecumenismo grego, entre os séculos IV e II a. C.

Mas, todo o mundo grego foi conquistado pelos romanos, que fundaram um dos maiores impérios da História. Desde o século III a. C. (período da *Oikoumene* cultural grega), eles já dominavam quase toda a península itálica e entre 264 a. C. a 146 a. C. guerrearam contra os cartagineses pelo controle do Mediterrâneo. Roma venceu, controlou o Mediterrâneo e em 146 a. C. completou a conquista da Grécia (SCHMIDT, 2008, pg. 43). Neste período, a República Romana mostrava pleno vigor e se expandia territorialmente, enquanto os dois reinos gregos que ainda existiam no Oriente — o Selêucida na Síria e o Ptolemaico no Egito — estavam em crise e decadência. O Reino Selêucida foi anexado em 63 a. C.; e o Ptolemaico, em 30 a. C.

Por admirarem e respeitarem a cultura grega, os romanos assimilaram muito de seus valores. Em 27 a. C., quando todas as terras em volta do mar Mediterrâneo já estavam dominadas, o general Octávio Augusto fundou o Império e deu início a um período de estabilidade político-econômica denominada “*paz romana*” (27 a. C. – 180 d. C.). Neste período foi que a *Oikoumene* assumiu um sentido político, que complementa o cultural e mantém o sentido de casa comum, para que os povos pudessem viver em paz dentro das fronteiras do Império. Mas, o entendimento era de política dominante (dominar e manter a paz nas fronteiras), não de convívio de paz (GUATURA, 2017, p. 15).

No século I d. C. (no contexto da paz romana), surgiram os primeiros escritores cristãos, que foram os primeiros a utilizar a *Oikoumene* com um sentido religioso. A razão para tal, foi o surgimento de um mestre judeu chamado Jesus (1 - 33 d. C.), fundador do cristianismo. No calendário Ocidental, seu nascimento ocorreu no ano um, do século I da Era Cristã, na cidade de Belém, pertencente à Província da Judéia. A Judéia era parte dos domínios do idumeu Herodes (cognominado “o grande”), que entre 37 a. C. e 4 a. C., governou toda a Palestina para o Império Romano. Jesus, começou uma vida de pregação e proselitismo e nomeou doze apóstolos para propagar pelo mundo o “evangelho” (boas-novas de salvação).

Guatura (2017, p. 15) destaca alguns textos da Bíblia que fazem referências à *Oikoumene*, como por exemplo: “...este evangelho do reino, será pregado no mundo inteiro” (Mateus 24.12-14); “...ser-me-eis testemunhas [...] em Jerusalém (na) Judéia e Samaria e até aos confins da terra” (Atos¹⁰ 1.28). Segundo o autor, nestes textos e em alguns outros a *Oikoumene* é dotada de um novo sentido, “o de agregar as nações (sem distinção) aos ensinamentos, à transformação e à comunhão regidas por Jesus”. Mas, apesar de utilizada pelos

10 O nome completo do livro é Atos dos apóstolos, foi escrito por Lucas e narra o início da expansão do cristianismo.

primeiros escritores cristãos, foi somente no século IV que a *Oikoumene* oficialmente deixou de ser um termo político para se tornar eclesiástico (GUATURA, 2017, p. 15).

Entre os séculos I e III, os cristãos foram muito perseguidos até conseguirem liberdade de culto com a promulgação do Edito de Milão em 313. Com o fim das perseguições, a igreja precisou unificar suas doutrinas e interpretações das escrituras, concernentes à ressurreição e divindade de Cristo, devido aos “inimigos da fé”. Neste contexto de divisão doutrinária, o imperador Constantino convocou o Concílio de Nicéia (325-328) que agregou os bispos de todas as regiões do Império Romano, e por esta razão é chamado de ecumênico pelo Concílio de Constantinopla em 381, convocado por Teodósio I. A esta altura, o cristianismo já era a religião oficial do Império, por decreto do próprio Teodósio em 380.

No Concílio de Constantinopla, portanto, pela primeira vez a *Oikoumene* é introduzida na literatura eclesiástica (da instituição católica). Mas, nos concílios, a palavra já não é mais empregada como agregação de diversos povos através do proselitismo, mas é aplicada com o sentido ou objetivo de compartilhar ou encontrar uma ideia comum, unificar doutrinas (GUATURA, 2017, p. 16). O ecumenismo foi praticado na instituição católica por muitos anos, até que no século XI o grande cisma do oriente causou o desaparecimento da *Oikoumene* dos círculos cristãos. O autor Manuel Augusto escreve:

A ruptura com a Igreja latina teve razões culturais e hierárquicas: o primado de Roma, a natureza do pão eucarístico e o casamento dos sacerdotes, e secundariamente, questões teológicas em que sobressai o Filioque¹¹ [...] os anátemas e excomunhões recíprocos [...] criaram o cisma [...].¹²

O autor Antônio Carlos¹³ (2011, p. 130), diz que em 1054 o papa Leão IX enviou o cardeal Humberto a Constantinopla, levando a excomunhão do patriarca Cerulário. O Sínodo (assembleia) dos bispos bizantinos, entendeu o ato como sendo a excomunhão de toda a igreja bizantina e respondeu excomungando o papa Leão IX. A partir de então, essas igrejas passaram a se anatematizar publicamente. Os concílios e credos só são ecumênicos se forem aceitos por todas as igrejas, portanto, dos 21 concílios que já ocorreram apenas 7 são ecumênicos. Quanto aos credos, apenas o credo dos apóstolos, o de Nicéia e o de Santo Atanásio, são aceitos por todas as igrejas. A *Oikoumene* só voltaria aos debates no século XIX, por iniciativa protestante.

Foi no meio protestante que o ecumenismo moderno surgiu, e cuja proposta de unidade foi ampliada para as outras tradições cristãs, incluindo a Pentecostal. Por essa razão, logo no

11 O termo Filioque, refere-se a uma tese teológica sobre a procedência do Espírito Santo. Na fórmula oriental o Espírito Santo procede do pai. Na fórmula latina procede do Pai e do Filho, daí o rompimento.

12 AUGUSTO, M. R. *Ecumenismo e diálogo inter-religioso: algumas notas*. **Revista portuguesa de história**, Universidade de Coimbra, 2009, p. 6.

13 CARLOS, ANTONIO. R. *Ecumenismo: perspectiva eclesiológica. Das grandes rupturas ao debate ecumênico atual*. Belo Horizonte, v. 9, p. 127-152.

primeiro capítulo, vamos discutir a origem do Movimento Protestante, os episódios precursores de seu ecumenismo, as primeiras alianças ecumênicas no século XIX e no século XX, além de analisar profundamente o apogeu que o ecumenismo atingiu neste século, tendo como principal ponto de partida a Conferência de Edimburgo, em 1910. Outras manifestações de tal expansão do Movimento Ecumênico, foram: a Criação do Conselho Mundial de Igrejas, a inclusão e participação das igrejas católicas, especialmente a igreja Católica Romana.

No **segundo capítulo**, é mostrado como o Movimento Ecumênico chegou ao Novo Mundo (América Latina e Brasil), ocasionando a criação de vários órgãos ecumênicos representativos, como o Conselho Latino Americano de Igrejas (CLAI) e o Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (CONIC), criado no Brasil. No mesmo capítulo, discutiremos os avanços e os desafios do ecumenismo no século XXI, trazendo à tona questões como a globalização, o “macro-ecumenismo”, as dificuldades que as próprias igrejas participantes encontram dentro do movimento e a postura antiecumênica de um número expressivo de cristãos, principalmente os pentecostais, que em sua maioria são assembleianos.

No **terceiro capítulo**, cujo título é “o Ecumenismo na Compreensão do Movimento Pentecostal”, faremos uma discussão profunda sobre a problemática deste trabalho, isto é, o porquê da AD brasileira não fazer parte do Movimento Ecumênico. Previamente, porém, conheceremos a etimologia e a origem histórica do Movimento Pentecostal, do qual emergiu a referida Igreja. Além disso, é feita uma breve exposição dos momentos precursores do Pentecostalismo moderno, o acontecimento histórico que o fez surgir no século XX, assim como a origem da Assembleia de Deus no Brasil, como teve contato com a proposta ecumênica e como reagiu a ela, optando por manter-se afastada.

Quanto à metodologia, foi feita uma abordagem descritiva-explicativa dos movimentos Ecumênico e Pentecostal, a partir da leitura de vários autores como Luís Guatura (2017), Zwinglio Mota (1998) e João Bosco de Souza (2011), que formam a base a base das exposições do primeiro capítulo. No capítulo 2, destacam-se os autores Gottfried Brakemeier (2001) e Carlos Barros Gonçalves (2011), além de consultas feitas nos sites oficiais do CLAI e do CONIC (<http://www.claibrasil.org.br/quem-somos>; <https://www.conic.org.br>), para obtermos informações sobre ambos estes órgão ecumênicos. No capítulo 2, destacam-se os autores Rubeneide de Oliveira (2006) e Joéde Braga (2007), no tocante ao Pentecostalismo; e Wesley de Paula (2013), Magali Cunha (2011) e Luís Guatura, quanto à relação ecumênico-pentecostal.

CAPÍTULO 1: O ECUMENISMO CONTEMPORÂNEO, A PROPOSTA PROTESTANTE PARA O ECUMENISMO.

Luís Guatura (2017, p. 16), enfatiza: “Após o primeiro cisma do século XI, verificamos que não houve, em nenhum momento, o uso da *oikoumene* até o século XIX”¹⁴. A unidade ecumênica desapareceu da igreja cristã por 792 anos, durou de 1054 até 1846, ano em que foi criada a “Aliança Evangélica” em Londres, objetivando congregar as igrejas diante da ameaça de uma possível fragmentação do protestantismo. Com esta iniciativa, o ecumenismo tornou-se novamente uma realidade na história do cristianismo. Para esclarecer melhor essa história, convém conhecer a origem do Movimento Protestante, os episódios precursores de seu ecumenismo e a formação das primeiras alianças ecumênicas.

1.1 A origem do Movimento Protestante

Em 31 de Outubro de 1517, o monge agostiniano Martinho Lutero fixou 95 teses escritas em latim, na porta da Igreja católica de Witemberg – Alemanha. Este fato, é considerado o marco inicial da Reforma Protestante. O objetivo de Lutero, era trazer os teólogos e eruditos da época para o debate e denunciar os abusos eclesiásticos contra os quais se revoltara, mas como era de se esperar, sua atitude foi mal vista pelas autoridades católicas, que exigiram retratação. Em 1520, ele queima a bula papal que ordena a retratação e em janeiro de 1525 é excomungado pelo papa Leão X, que o chama de “javali selvagem”. Contra a perseguição do papa e do imperador, foi protegido pelo príncipe alemão Frederico III, no castelo de Wartburg.

Em 25 de Junho de 1523, na dieta de Augsburg, foram lidos os 28 artigos que definiam a confissão de fé Augsburg, na presença do imperador Carlos V e dos príncipes alemães. A igreja agora estava dividida, e a reação católica foi a convocação do Concílio de Trento (1546 – 1563), aprofundando ainda mais a separação. Lutero foi o primeiro a ter êxito, dentre vários que tentaram uma reforma antes dele, os luteranos então se espalharam pela Alemanha e Escandinávia. Anos depois outros movimentos surgiram: na Suíça surgiu o calvinismo, que alcançou a Hungria, a Boêmia, a França, a Escócia e a Holanda; os anabatistas não fundaram igreja, mas tiveram forte movimento na Holanda, no norte da Alemanha e na Suíça; na Inglaterra, surgiu e se desenvolveu a Igreja Anglicana (GUATURA, 2017, p. 34).

14 GUATURA, LUÍS D. S. *Diálogo ecumênico e inter-religioso para o caminho da paz*, 2017, p. 16.

1.2 Episódios precursores do Ecumenismo protestante

A princípio, nenhum dos movimentos da reforma retomou a *Oikoumene*, mas alguns episódios principais podem ser destacados como precursores do ecumenismo protestante:

[...] na noite de 27 de junho de 1538, o [...] reformador jantava em Wittenberg, com seu companheiro [...] Felipe Melanchthon. Os dois [...] tristes. Falavam do futuro. Lutero interrogava: “Quantos mestres diferentes seguirá o próximo século? A confusão será total. Ninguém se deixará governar pela opinião ou a autoridade de outro. Cada um procurará ser seu próprio Rabi (mestre) [...] e então quantos escândalos enormes, quantas dissipações! O melhor seria que os príncipes, por meio de um concílio, procurassem prevenir tais males, mas os papistas não aceitariam jamais isto [...]”.¹⁵

Este, é tido como o primeiro episódio em que um futuro ecumenismo é imaginado. Segundo Guatura (2017, p. 28), os dois amigos já idealizavam um futuro concílio de comunhão entre as igrejas da Reforma, com a intervenção dos príncipes, para ocorrer de forma pacífica e ordeira. Sabemos que Melanchthon, também compartilhava a preocupação com o crescimento dos movimentos da Reforma e com a possível intolerância entre eles; ele desejava um concílio, que resultasse numa concórdia para as doutrinas e cerimônias, com a proibição de que alguém se afastasse dela, para escândalo do próximo. Mas, o desejo de comunhão só veio a realizar-se com William Carey em 1806, e a vontade de um concílio apenas em 1910, em Edimburgo.

O segundo episódio aconteceu em fins do século XVII. A Europa encontrava-se dividida pelas guerras religiosas entre protestantes e católicos, ambos tentando defender suas versões do evangelho. O físico e matemático luterano Jorge Guilherme Leibniz, foi um dos que se escandalizaram e também sugeriu uma iniciativa para dar fim aos conflitos:

Leibniz enfatizou a necessidade de [...] construir uma Igreja Universal que desse lugar às diferentes expressões da vida e da fé cristã. A partir de 1691 [...], manteve contato epistolar com Bossuet, Bispo de Meaux e tutor da coroa da França. Foi através desta correspondência que a palavra ecumênico chegou a adquirir sua dimensão religiosa como indicação da universalidade do Cristianismo [...] da fé e da igreja de Cristo.¹⁶

Zwinglio Mota (1998, p. 133), diz que embora a *Oikoumene* tenha sido utilizada nos concílios católicos a partir do século IV, foi no século XVII que a dimensão religiosa da palavra ganhou sentido como tal. Provavelmente, o autor destaca isto porque no século IV havia apenas uma igreja cristã, composta por várias etnias, mas una doutrinariamente. No XVII, porém, três

15 GUATURA, 2017 apud NAVARRO, J. B. *Para compreender o Ecumenismo*, p. 94.

16 MOTA, 1998 apud SANTA ANA, *Ecumenismo e Libertação*, p. 22.

grandes ramos do cristianismo coexistiam na Europa: o catolicismo romano, o catolicismo ortodoxo e o protestantismo, este próprio dividido em diferentes correntes doutrinárias. A ideia de Leibniz não foi posta em prática, mas no final do século XVIII um decisivo acontecimento lançaria as bases para o terceiro episódio precursor do ecumenismo protestante.

Em fins do século XVIII, em Northamptonshire – Inglaterra, surge no coração do pastor batista inglês William Carey o desejo de evangelizar o mundo. Ele propôs aos demais pastores batistas, uma iniciativa missionária que acabou rechaçada, mas por seu apelo persistente, em 1792 foi criada a Sociedade Missionária Batista, que o enviou à Índia em 1793. Até o final do século XVIII, as igrejas protestantes em geral não se interessavam pelas missões, mas o pioneirismo de William Carey (considerado o “pai das missões modernas”), inspirou o surgimento de outras agências missionárias na Europa, como na cidade de Londres em 1795, e na Holanda em 1797 (CARVALHO¹⁷, 2004, p. 8, 17-18; GONÇALVES, 2011, p. 38).

Tal “despertamento para as missões” expandiu o protestantismo pelo mundo, foi neste contexto que surgiu a seguinte proposta:

[...] William Carey [...] propôs em 1806 convocar uma reunião de todos os cristãos no Cabo da Boa Esperança [...] para o ano de 1810 [...] seguida de reuniões semelhantes a cada 10 anos. Carey fez esta sugestão numa carta a seu amigo Andrew Fuller, secretário da Sociedade Missionária Batista. Mas Fuller não viu a ideia com entusiasmo. “Isso não passa de um dos agradáveis sonhos do irmão Carey,” escreveu.¹⁸

Zwinglio Mota (1998, p. 134), diz que foi no campo missionário que a perspectiva ecumênica começou a ser vislumbrada. Segundo João Bosco¹⁹ (2011, p. 32), foi o momento histórico do surgimento do movimento ecumênico. Por sua vez, Luís Guatura (2017, p. 18), objeta que o ecumenismo foi proposto apenas como uma unidade fraterna na evangelização do mundo “pagão”, não como uma proposta de unidade no sentido lato da palavra. Para o autor, o verdadeiro objetivo da fé cristã é a unidade e a catolicidade do cristianismo, mas as igrejas católicas foram excluídas da ideia de comunhão, acusadas de perder a essência do cristianismo.

1.3 As primeiras alianças ecumênicas

17 CARVALHO, LEVI. *Uma chama na escuridão. Christian History Institute* (Instituto de História Cristã), 2004.

18 MOTA, 1998 apud N. GOODALL, *El Movimiento Ecuménico: Qué es y para que trabaja?* p. 15.

19 SOUZA, João Bosco de. *Ecumenismo e diálogo inter-religioso. Dissertação Mestrado em Ciências da Religião da PUC/Goias: Goiânia, 2011.*

A proposta de William Carey, que a princípio não foi levada a sério, seria amadurecida pelas posteriores tradições protestantes, surgindo então as primeiras uniões ecumênicas do século XIX. De 1792 e 1846, os protestantes fundaram agências missionárias, com o objetivo primário de evangelizar o mundo. Entretanto, cada qual pregava a mensagem do evangelho à sua maneira (com suas próprias formas teológicas e bíblicas diferentes), causando um (um o que?) e essa divisão entre elas era um empecilho à expansão do evangelho. Além disso, o alto custo para o financiamento das atividades missionárias, apelava para a união de esforços entre as igrejas.

Segundo Carlos Barros²⁰ (2011, p. 41), desde o início das missões protestantes, as diferentes igrejas verificaram a necessidade da colaboração institucional, buscando uma maior eficiência na tarefa de levar a mensagem cristã. Foi exatamente isso que aconteceu, quando em 1846 foi criada a Aliança Evangélica, em Londres – Inglaterra, cujo propósito era constituir princípios doutrinários comuns que facilitassem a identificação e a união das igrejas em prol da pregação do Evangelho (objetivando congregar as igrejas diante da ameaça de uma possível fragmentação do protestantismo). Seguindo este mesmo objetivo, em 1867 acontece a comunhão anglicana, na Inglaterra; em 1875, surge a Aliança Mundial de Igrejas Reformadas (AMIR), que agregou cerca de 200 igrejas oriundas da reforma protestante.

Em 1881, a Igreja Metodista (fundada por Jonh Wesley) realizou a Conferência Ecumênica Metodista. Existiram movimentos ecumênicos de leigos, como a Associação Cristã de Moços (ACM) fundada por George William, em 1844, na Inglaterra e organizada mundialmente em 1855; e o Movimento de Estudantes Voluntários para Missões Estrangeiras, organizado em 1886 por John R. Mott, um leigo metodista norte-americano. Estas são algumas das principais alianças ecumênicas do século XIX, e a *Oikoumene* retorna aos debates com um novo significado, o de união do povo cristão, em torno de um objetivo comum: a missão (GUATURA, 2017, p. 29, 35; BOSCO, 2011, p. 21; GONÇALVES, 2011, p. 38, 42, 44).

1.2 SÉCULO XX: O APOGEU DO MOVIMENTO ECUMÊNICO

Zwinglio Mota escreveu: “o movimento ecumênico que começou a ser gestado no século 19 [...] ganhou força e expressão no século 20” (MOTA, 1998, p. 130). No século XX, ocorreram vários avanços do Movimento Ecumênico, como por exemplo: a criação de mais ligas ecumênicas; a Conferência de Edimburgo em 1910; a criação do Conselho Mundial de

20 Gonçalves, Carlos Barros. *Até aos confins da terra: o movimento ecumênico protestante no Brasil e a evangelização dos povos indígenas*. Ed. UFGD, 2011.

Igrejas em 1948; a entrada da Igreja Católica Ortodoxa e da Igreja Católica Romana no ecumenismo; a chegada do ecumenismo na América Latina e no Brasil. Tais fatos, foram decisivos para o que o ecumenismo representa no século XXI.

1.2.1 Outras alianças ecumênicas e a Conferência de Edimburgo

De 1900 em diante, novas ligas ecumênicas a nível nacional e mundial se formaram: 1905— Federação Batista Mundial (FBM) e Conselho Nacional de Igrejas (nos Estados Unidos); 1914— Aliança Mundial para a Amizade Internacional Através das Igrejas; 1923— Federação Luterana Mundial (FLM); 1921— Conselho Missionário Internacional; 1925— Movimento Vida e Trabalho (ou ação); 1927— Comissão Fé e Ordem. No entanto, não convém ignorar que logo em 1900, aconteceu a conferência missionária de Nova York–EUA, que chegou a intitular-se "conferência ecumênica", porque estava construindo um plano de evangelização que visava alcançar o mundo todo. Este é tido como o berço que deu origem à Conferência Missionária de Edimburgo, em 1910, na Escócia – Europa (MOTA, 1998, p. 135, 137; BOSCO, 2011, p. 21, 34).

A Conferência de Edimburgo, é considerada o início oficial do movimento ecumênico moderno. A ocasião, reuniu missionários protestantes de todas as partes do mundo (inclusive do Brasil), somando um total de 1200 delegados representantes de várias sociedades missionárias (incluindo americanos, africanos e asiáticos). Era a primeira vez que um encontro de tal magnitude acontecia entre as diferentes tradições cristãs do protestantismo²¹, para que o esforço missionário caminhasse ao lado do compromisso ecumênico. A Conferência criou um modelo de busca de comunhão e missão, com traços tipicamente protestantes: aberto à participação, com disposição de troca de experiências, com espaço para o confessional e o ecumênico, e criando bases para superação de preconceitos e diferenças, a partir da fé em Cristo (MOTA, 1998, p. 135, 137; BOSCO, 2011, p. 21, 34; CARLOS, 2011, p. 133-135).

1.2.2 O Conselho Mundial de Igrejas (CMI)

O Conselho Mundial de Igrejas foi um dos grandes resultados da Conferência em Edimburgo e os maiores protagonistas de sua fundação foram o Conselho Missionário Internacional, o Movimento Vida e Ação e o Movimento Fé e Ordem, que após existirem por

²¹ Entre os sete temas debatidos estavam os seguintes: como levar o Evangelho ao mundo; mensagem missionária e religiões não-cristãs; a formação de missionários; cooperação e promoção da unidade.

um tempo independentes desejaram integrar-se num único organismo. Para isso, contaram com a parceria da Aliança Mundial para a Amizade Internacional Através das Igrejas, da Associação Cristã de Moços (as) e da Federação Mundial de Estudantes Cristãos, fundada em 1895 (MOTA, 1998, p. 139). A seguir, uma breve exposição dos principais fundadores do CMI:

- 1- **Conselho Missionário Internacional:** fundado em Nova York – EUA, seu objetivo era apoiar e coordenar as iniciativas missionárias a nível global.²²Integrou-se ao CMI em 1961.
- 2- **Movimento Vida e Ação:** criado em Estocolmo – Suécia, pelo bispo luterano Nathan Soderblom, trabalhou a responsabilidade da Igreja em relação às questões sócio-políticas e econômicas da sociedade, buscou a unidade através do serviço social.
- 3- **Comissão Fé e Ordem:** fundada em Lausanne – Suíça, pelo bispo anglicano e estadunidense Charles Brent, trabalhou a reconciliação das denominações divididas por divergências doutrinárias (BOSCO, 2011, p. 34; FONTANA²³, 2006, p. 1).

Em 1932, a Aliança Mundial para a Amizade Internacional Através das Igrejas e o Movimento Vida e Ação elegeram um secretário geral, começavam os preparativos rumo à “integração”. Em 1933, após uma frustrada tentativa de fazer conexão entre os movimentos Vida e Ação e Fé e Ordem, o secretário Willians Adams (do Movimento Vida e Ação) propôs uma reunião geral, e o Arcebispo William Temple (Comissão Fé e Ordem), convidou os principais líderes dos movimentos protestantes e do Conselho Internacional de Missões. A partir dos debates ocorridos nessa reunião, “a ideia da formação de uma instituição que englobasse todos com o único objetivo cristão, começou a tomar forma” (GUATURA, 2017, p. 30).

A data desta reunião não é citada por Guatura, mas resultou na formação de duas comissões que somavam 35 representantes, os quais foram enviados para se reunir com cinco órgãos ecumênicos mundiais, a fim de criar o CMI. Este segundo encontro de debates, ocorreu em 1937 e foi sucedido no mesmo ano pelas reuniões da Comissão Fé e Ordem em Edimburgo – Escócia, e do Movimento de Vida e Ação, em Oxford – Inglaterra. Durante os debates, surgiu o temor de que se formasse uma “super Igreja”, mas as discussões foram conduzidas de forma a afastar essa possibilidade. Ao final das reuniões, cada comissão escolheu 7 membros para compor o chamado “comitê dos 14”.

Com o anteprojeto do CMI em mãos, o “Comitê dos 14” se reuniu no ano 1938 em Utrecht – Holanda, para esboçar a constituição do futuro Conselho Mundial, cuja assembleia

22 Passou a realizar também, vários encontros para trabalhar a missão e a unidade, envolvendo temas como questões raciais, Igrejas jovens, etc. (ROBERTO, J. V Congresso Nacional de Educação da ANEC, 2019, Cuiabá-MT).

23 FONTANA, J. *Refletindo sobre o Ecumenismo*. Ciberteologia - Revista de Teologia & Cultura, ed. n. 4 – Março/Abril 2006.

de fundação que seria em 1941, foi adiada para 1948, devido à eclosão da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Após a Guerra, a assembleia de fundação do CMI reuniu-se em Amsterdã – Holanda, entre os dias 22 de agosto e 4 de setembro de 1948. A ocasião reuniu 350 delegados e representantes de 147 igrejas, vindo de 44 países (um total de 1300 participantes). A proposta de fundação do Conselho Mundial, foi aceita com unanimidade pelas igrejas²⁴.

Assembleias do CMI (realizadas a cada 7 anos)	
Local e data	tema
1º - Amsterdã – Holanda, 1948	A desordem humana e os desígnios de Deus
2º- Evanston, Illinois – EUA, 1954	Cristo – A Esperança do Mundo
3º- Nova Deli – Índia, 1961	Jesus Cristo – A Luz do Mundo
4º- Upsala – Suécia, 1968	Eis que faço novas todas as coisas
5º- Nairobi – Quênia, 1975	Jesus Cristo liberta e Une
6º- Vancouver – Canadá, 1983	Jesus Cristo – A Vida do Mundo
7º- Camberra – Austrália, 1991	Vem Espírito Santo – Renova toda a Criação
8º- Harare – Zimbabwe, 1998	Voltem-se para Deus – Rejubilem-se na Esperança
9º- Porto Alegre – Brasil, 2006	Deus, em tua graça, transforma o mundo
10º- Busan – Coreia do Sul, 2013	Deus da vida, conduz-nos à justiça e à paz
A 11º assembleia geral, vai ser realizada na cidade de Karlsruhe – Alemanha, em 2021	
Fontes: CARLOS, A. RIBEIRO. Ecumenismo: perspectiva eclesiológica. Das grandes rupturas ao debate ecumênico atual, 2011, p. 135-136 www.luteranos.com.br ; www.vaticannews.va	

O CMI é o principal órgão ecumênico mundial²⁵ do século XXI, agregando mais de 345 igrejas e denominações de 110 países (um total de 500 milhões de cristãos no mundo). São Igrejas de tradição Ortodoxa, Anglicana, Reformada, Unida, Metodista, Pentecostal, Copta e inúmeras independentes (A ICAR e a ICLB participam apenas como observadoras). O objetivo do CMI, é promover a união das diferentes tradições cristãs, mas também visa respeitar o entendimento teológico das igrejas filiadas, estabelecer relações com as alianças confessionais mundiais e com demais órgãos ecumênicos etc. Em 1950, na “Declaração de Toronto”, o CMI afirma que não é e nem será uma super Igreja; e que seu objetivo não é negociar a união entre as Igrejas, tal decisão deve ser voluntária (GUATURA, 2017, p. 29-33; MOTA, 1998, p. 142).

1.2.3 A entrada da Igreja Católica Ortodoxa no ecumenismo

24 As igrejas aceitaram se reunir sob a seguinte base comum: "O Conselho Mundial de Igrejas é uma associação fraterna de Igrejas que aceitam Jesus Cristo como Deus e Salvador."

25 A Ajuda Cristã e a Federação Mundial dos Estudantes Cristãos, também são órgãos ecumênicos mundiais.

As duas igrejas católicas que existem desde 1054²⁶, entraram tardiamente no movimento ecumênico. A Igreja Ortodoxa, foi a primeira a se dispor pela colaboração com as Igrejas não-ortodoxas, numa declaração feita pelo Patriarca de Constantinopla, entre 1902 e 1904. Em 1920, o mesmo Patriarca escreve uma carta assinada pelos membros do Sínodo, propondo a criação de uma "Liga das Igrejas", cujo projeto já havia sido anunciado na abertura do Sínodo de Constantinopla, em 1919. A partir dessa inédita iniciativa, as igrejas ortodoxas começaram a participar de diferentes atividades junto com os cristãos não-ortodoxos, até se tornarem membros do CMI em 1961 (MOTA, 1998, p. 138).

Hoje, as igrejas ortodoxas são divididas em nove patriarcados: quatro antigos (Constantinopla, Antioquia, Jerusalém e Alexandria), e cinco recentes (Rússia, Sérvia, Romênia, Bulgária e Geórgia). Também há igrejas em Chipre, Grécia, Estados Unidos etc. Elas são administrativamente autônomas, mas estão em comunhão entre si e reconhecem o primado histórico do patriarcado de Constantinopla. A Igreja Romana, porém, só entraria no ecumenismo em 1965, quando formou um grupo misto de debates com a FLM²⁷. O grupo misto começou se reunir em 1967, para discutir a questão dos contatos, colóquios e formas possíveis de trabalhos em comum (AUGUSTO, 2009, p. 48; GUATURA, 2017, p. 36).

1.2.4 A entrada da Igreja Católica Romana no ecumenismo

A Igreja Católica Romana só abraçou a causa ecumênica depois da realização do Concílio Vaticano II (1962-1965), que mudaria seu posicionamento relutante ao Movimento Ecumênico. Mas houve alguns momentos precursores de ecumenismo na ICAR, que embora fossem casos isolados, contribuíram para sua posterior abertura ao diálogo com os demais cristãos. Ao que parece, o primeiro desses momentos ocorreu em 1822, quando o padre Jean Adam Möhler, decidiu estudar teologia com o mestre protestante Neander, na Alemanha. A partir de então, toda a teologia de Möhler passou a ser um tratado de profundo ecumenismo.

Na mesma época, na Inglaterra, o anglicano John Newman havia se convertido ao catolicismo, mas mesmo assim seus amigos anglicanos continuaram mantendo contato com ele e buscando estabelecer contatos dialogais com a Igreja Católica. Mas, certamente, apenas com os pronunciamentos oficiais dos papas o ecumenismo teria repercussão no catolicismo como

26 Católica Romana (século IV), sediada no Vaticano – Itália; e Católica Ortodoxa (século XI), sediada em Constantinopla – Turquia.

27 Obs: o grupo misto não foi convocado para debater controvérsias teológicas do século XVI, mas para discutir as diferenças entre as duas igrejas, a partir dos mais recentes conhecimentos da teologia, da história eclesial e da abertura dada pelo Concílio Vaticano II.

um todo, e isto só ocorreu em meados do século XX. Até esse momento, aconteceram apenas iniciativas individuais ou indiretas, como é o caso da semana de oração pela unidade dos cristãos (para simplificar, será usada a sigla “SOUC”), recomendada em 1895 pelo papa Leão XIII (pontífice de 1878 a 1903), no breve “*Providae Matris*” (RENAN, 2019, p. 88-89).

A “SOUC”, era o que se pode chamar de “ecumenismo espiritual”, e não uma entrada física no movimento ecumênico, o que nessa época estava fora de cogitação. Em 1896, por exemplo, o mesmo pontífice publicou a encíclica “*Satis Cognitum*”, afirmando que “só existe uma Igreja de Cristo, a Igreja colocada sob a responsabilidade do pontífice romano. Deixar essa Igreja equivale afastar-se do caminho da salvação”. No ano seguinte (1897), Leão XIII escreve a Encíclica “*Divinum Illud Munus*”, valorizando a semana de oração. Pio X (Pontífice de 1903 a 1914), concede a benção oficial para a “SOUC” em 1909, e Bento XV a torna definitiva na Igreja Católica (RENAN²⁸, 2019, p. 89; BOSCO, 2011, p. 33).

Não obstante, em 1928, Pio XI (pontífice de 1922 a 1939) proibiu a participação dos católicos no ecumenismo. Afirmou que a Sé Apostólica jamais poderia participar ou ajudar qualquer evento Ecumênico. Isto, porque além dos preconceitos e discórdias teológicas mútuas entre católicos e protestantes, a Sé apostólica entendia o ecumenismo como proveniente do meio protestante e característico dele²⁹. É neste período que surge a figura do Cardeal francês Yves Congar (1904-1995), que em 1937 publicou a obra “Cristãos desunidos: princípios de um Ecumenismo católico”, na qual chamou os cristãos de outras confissões de “irmãos separados”, em vez de “hereges”, como era o usual (GUATURA, 2017, p. 50-51, 54).

Yves Congar foi o primeiro teólogo católico, do século XX, a escrever princípios de um ecumenismo católico, em seguida, outros teólogos também fariam ações ecumênicas, preparando o caminho para a entrada da Igreja Romana no ecumenismo. Em 1943, Pio XII (Pontífice de 1939 e 1958) na encíclica “*Mystici Corporis*”, ressaltou que a “SOUC” seguia o exemplo de Cristo, quando orou pela união dos discípulos. Finalmente, em setembro de 1949, Pio XII publica a “*Ecclesia Catholica*”, onde impulsiona o movimento ecumênico e instrui aos bispos católicos que velem pelo movimento e o promovam com prudência. Esta foi a primeira iniciativa do magistério católico para a entrada no ecumenismo (GUATURA, 2017, p. 50, 52).

Entretanto, foi no pontificado de João XXIII (papa entre 1958 e 1963), que ocorreu a definitiva inserção Católica na caminhada ecumênica. Para tornar isto realidade, o pontífice

28 RENAN, MAYCOU da S. *O empenho ecumênico da Igreja católica*. Caminhos de Diálogo, Curitiba, ano 7, n. 10, p. 86-97, jan./jun. 2019.

29 Diferente do protestantismo, a Igreja Católica não era fragmentada em várias confissões. Neste caso, o ecumenismo para ela não significaria uma “unidade cristã”, mas uma prática de conservação da fé católica.

tomou uma série de atitudes: em 1959, fez o anúncio do futuro Concílio do Vaticano II; Em 1961, enviou uma delegação oficial à assembleia do CMI realizada em Nova Delhi – Índia. Após estes preparativos, convocou o Concílio Vaticano II, que ocorreu de 1962 a 1965, na cidade do Vaticano. O papa abriu a reunião na presença de 1041 bispos europeus, 956 bispos americanos, 379 bispos africanos, mais de 300 bispos asiáticos, 379 bispos italianos e também peritos e convidados das outras tradições (BOSCO, 2011, p. 22).

No Concílio Vaticano II, ocorreram várias mudanças nos conceitos e interpretações da Igreja, como por exemplo: 1- É reconhecida uma corresponsabilidade de católicos nas cisões da Igreja havidas no passado; 2- Afirma-se uma “hierarquia de verdades”. O culto aos santos, por exemplo, não teria o mesmo peso como a doutrina da justificação por graça e fé. Isso facilitava o entendimento ecumênico; 3- Admite-se haver também fora da estrutura da Igreja Católica “elementos de santificação e de verdade”, tornando-se permeável o exclusivismo católico; 4- Constata-se que a universalidade da Igreja de Cristo só alcançará sua plenitude com a “Reintegração da Unidade”³⁰ (BOSCO, 2011, p. 36).

Após o Concílio, a ICAR tomou várias medidas amistosas. Em 1965 foi formado o grupo misto de debates com os luteranos, cujas discussões resultaram na declaração conjunta sobre a Doutrina da Justificação da Federação Luterana e da Igreja Católica, assinada em 31 de outubro de 1999. Ela pode ser resumida da seguinte forma: “Confessamos juntos: somente por graça (não por mérito próprio), na fé na obra salvífica de Cristo, somos aceitos por Deus e recebemos o Espírito [...], que nos renova os corações, nos capacita e chama para as boas obras”

³¹. A seguir, um resumo das quatro fases do debate católico-luterano:

REUNIÕES DA COMISSÃO MISTA CATÓLICO-LUTERANA	
FASES	TEMAS
1º- de 1967 a 1971	Tema: O Evangelho e a Igreja (o primado papal e a intercomunhão ³² , estavam entre os sub-temas) Resultado: no mês Fevereiro de 1971, em Malta, foi redigido o relatório conjuntamente. Em 9 de Fevereiro de 1972, o relatório foi apresentado.
2º- de 1973 a 1974	Temas principais: a Eucaristia; tudo sob um Cristo; formas de comunidade
3º- de 1986 a 1993	Igreja e Justificação
4º- de 1995 a 2006	A apostolicidade da Igreja
Fonte: GUATURA, LUÍS D. S. Diálogo ecumênico e inter-religioso para o caminho da paz, 2017, p. 36-38.	

³⁰ A “Re-integração da Unidade” da Igreja, aconteceria através da re-unificação de todos os seus membros, este, portanto, seria o objetivo do ecumenismo.

³¹ GUATURA, LUÍS D. S. Diálogo ecumênico e inter-religioso para o caminho da paz, 2017, p. 39.

³² Nesta primeira fase, debateu-se a infalibilidade papal, mas não foi mencionada no relatório. As questões mariológicas, estão entre os assuntos que não foram debatidos.

Posteriormente, no dia 13 de outubro de 2016, o papa Francisco discursa em audiência no Vaticano, sobre a peregrinação católico-luterana, dizendo: “damos graças a Deus porque hoje, luteranos e católicos, estão a caminhar pela senda que leva do conflito à comunhão”³³. Em 31 de outubro de 2016, no 499º aniversário da Reforma Protestante, o papa Francisco e o Bispo Munib Younam (presidente da FLM) assinam a declaração conjunta: “Do Conflito à Comunhão”³⁴, durante um evento ecumênico na Catedral de Lund – Suécia. Em 2020, fazem 54 anos de diálogo católico- luterano (GUATURA, p. 39-41).

No entanto, não foram tomadas atitudes somente em relação aos demais cristãos. Em 1968, foram retiradas as expressões antissemitas da liturgia católica, em Upsala – Suécia. Neste sentido, o autor Manuel Augusto (2009, p. 63) destaca os novos horizontes que o Vaticano II abriu no campo da inter-religiosidade, incluindo até mesmo o diálogo com as religiões não cristãs, como o judaísmo, o islamismo, o budismo e o hinduísmo. Mota (1998, p. 150), destaca também que o Concílio foi convocado para “reajustar o Catolicismo face às rápidas mudanças sociais, econômicas e políticas que se iam configurando por toda parte”. Sendo assim, o catolicismo atualizava-se nos campos religioso e secular.

Os sucessores de João XXIII (Paulo VI, João Paulo II e Bento XVI), continuaram o caminho do diálogo e do encontro com as outras confissões cristãs e não-cristãs. Após a renúncia de Bento XVI, em 2013, assumiu o Cardeal argentino Jorge M. Bergoglio (papa Francisco), em março do mesmo ano. Dias após a posse, o Pontífice se reuniu no Vaticano com representantes de várias igrejas e tradições religiosas, e declarou seu desejo de prosseguir com o diálogo ecumênico. Meses depois, enviou uma carta à assembleia do CMI em Seul – Coreia, afirmando seu interesse pelos debates da assembleia e confirmando o compromisso da ICAR em continuar cooperando com o CMI (AUGUSTO, 2009, p. 63; GUATURA, 2017, p. 59-60).

Entre as atividades ecumênicas mais recentes do papa Francisco, podemos citar sua peregrinação a Genebra³⁵ – Suíça, em Junho de 2018, onde participou do aniversário de 70 anos do CMI; e a visita de 3 dias que fez à Romênia, em 2019 (93 % da população Romena é Ortodoxa), onde se encontrou com o Sínodo Ortodoxo, orou na catedral da Salvação do povo³⁶ etc. Juan Bosch Navarro explicita a forma ecumênica católica:

Não se trata de princípios de Ecumenismo católico, mas dos princípios católicos do Ecumenismo. Em outras palavras, a ICAR reconhece que não há um Ecumenismo Católico em contraposição a um Ecumenismo Protestante ou Ortodoxo. Há um único Movimento Ecumênico, ao qual vão aderindo as

33 Disponível em > <https://w.2.vatican.va>

34 Esta declaração conjunta, visa às comemorações dos 500 anos da separação dos cristãos do Ocidente.

35 Genebra, é a sede do Conselho Mundial de Igrejas.

36 Disponível em > www.vaticano.va.

diferentes igrejas, cada uma a partir de sua própria índole e de suas posições doutrinárias.³⁷

CAPÍTULO 2 – O ECUMENISMO NO NOVO MUNDO

Após ter se expandido pela Europa e Estados Unidos, finalmente o Movimento Ecumênico chega à América Latina e ao Brasil, resultando no surgimento de grandes e representativas entidades ecumênicas como o Conselho Latino Americano de Igrejas e o Conselho Nacional de Igrejas Cristãs, este último, genuinamente brasileiro. Ambos existem até hoje, e tem como propósito em comum, promover a paz e a cooperação entre suas igrejas membro, respeitando suas diferentes visões teológicas. Para compreender mais sobre este assunto, convém conhecer de que forma o ideal ecumênico chegou ao Novo Mundo.

2.1 O ecumenismo na América Latina

Na América Latina, o movimento ecumênico começa oficialmente a partir do congresso do Panamá – América Central, em 1916. O evento foi organizado pelo Comitê de Cooperação para a América Latina (CCLA), criado em 1913, três anos após a Conferência de Edimburgo, onde discutia-se o expansionismo missionário alinhado à comunhão ecumênica. Na ocasião, apenas África, Ásia e Oceania foram listadas como áreas não alcançadas e portanto, alvos das missões protestantes. A América Latina foi excluída, pois para os missionários europeus e parte dos missionários norte-americanos a região era evangelizada pela Igreja Católica, bastava então enviar alguns pastores para cuidar dos poucos protestantes do local.

A decisão gerou protestos dos 60 missionários que atuavam na América Latina, assim como de alguns norte-americanos que consideravam pagãos tanto a população do continente como os índios nativos ainda não evangelizados. Segundo Carlos Barros³⁸ (2011, p. 81), apenas dois reverendos falaram sobre a América Latina em Edimburgo: o presbiteriano estadunidense Robert Speer e o metodista brasileiro Hugh Clarence Tucker. Leia o ranking a seguir:

Ranking da população protestante latino-americana		
Período	Total	Por região
1913-1916	423.000	250 mil nas Antilhas inglesas
		50 mil provindos da Alemanha, estabelecidos no Brasil e de fala espanhola

37 GUATURA, 2017 apud BOSCH NAVARRO, J. *Para compreender o Ecumenismo*, p. 149.

38 Gonçalves, Carlos Barros. *Até aos confins da terra: o movimento ecumênico protestante no Brasil e a evangelização dos povos indígenas*. Ed. UFGD, 2011. 288 p.

Objetivando debater sobre missões na América Latina, o reverendo Robert Speer convidou os missionários que protestaram contra a exclusão, para se reunirem informalmente durante a Conferência de Edimburgo. Na última das várias reuniões que fizeram, foi eleito um comitê incumbido de organizar uma conferência sobre missões na região. A Conferência ocorreu em Nova York – EUA, de 12 a 13 de março de 1913 (sob a presidência de Robert Speer), e o tema foi “A cristianização da América Latina”. Várias organizações participaram, como a ACM, a Sociedade Bíblica Americana, a União Missionária Evangélica, os Batistas do Sul etc. (SOUZA, 1999, p. 1; GUATURA, 2017, p. 22).

Durante a reunião, o Bispo Metodista E. R. Hendrix discursou aos missionários que não pregassem denominacionismos (metodismo, presbiterianismo etc.), mas as doutrinas fundamentais evangélicas, sugerindo assim que não confrontassem a Igreja Católica. A Conferência em Nova York, afinal, resultou na criação do Comitê de Cooperação para América Latina (CCLA), presidido por Robert Speer, para incentivar e promover a missão na região. O CCLA, promoveu então o Congresso do Panamá, em fevereiro de 1916, com a presença de 235 delegados (27 eram latino-americanos) de 44 sociedades missionárias norte-americanas, uma canadense e cinco britânicas (GUATURA, 2017, p. 23; BARROS, 2011, p. 84, 87).

Segundo Carlos Barros (2011, p. 87), o congresso foi dividido em oito seções e entre os temas debatidos estavam: 1 – estudo do campo e ocupação; 2 – mensagem e método; 3 – educação; 4 – cooperação e união. Com Alderi Souza³⁹ (1999, p. 2), obtemos a informação de que o Congresso Panamenho mostrou a necessidade de maior colaboração em áreas como educação religiosa, missões, literatura, e formação teológica. Além do mais, entre outros objetivos, tinha a meta de evangelizar as classes cultas, e o desejo de dar uma dimensão social ao trabalho missionário na AL. Mas, apesar de planejar missões para a América Latina, a maioria dos participantes eram norte-americanos e o idioma oficial foi o inglês e não o espanhol.

Após o Congresso panamenho, em 1925 aconteceu o primeiro congresso missionário sul-americano, em Montevideu – Uruguai, a partir do qual, segundo Guatura (2017, p. 23), a Igreja Católica percebeu a intenção das igrejas protestantes em influenciar a educação na América Latina, pois cada uma de suas siglas deveria implantar a cultura protestante, inclusive alcançar as elites latino-americanas. A Igreja então, criticou duramente o congresso, além do mais ele ocorreu 40 anos antes do Concílio Vaticano II e 43 anos antes da conferência em

39 SOUZA, ALDERI M. *A missão da Igreja: Uma Perspectiva Latino-Americana*, 1999.

Medellín; quando o catolicismo ainda se fechava para o ecumenismo (GUATURA, 2017, p. 23, 24).

Em 1929, acontece o congresso de Havana – Cuba, desta vez, totalmente organizado e conduzido por latinos. Após o Congresso em Havana, seriam realizadas uma série de “Conferencias Evangélicas Latino-Americanas (CELAS)”, nas quais discutia-se a dimensão social da teologia protestante e temas como o subdesenvolvimento, a fome e a reforma agrária⁴⁰. O empenho do movimento ecumênico nestas questões, reforçou-se sob o apoio do CMI, e resultou na criação de um grupo de debates conhecido pela sigla ISAL (Igreja e Sociedade na América Latina) no ano 1961, em uma das CELAS que aconteceu na cidade de Lima – Peru (SOUZA, 1999, p. 2; CUNHA, 2010, p. 119; MOTA, 1998, p. 147).

Segundo Magali⁴¹ (2010, p. 119), o objetivo da ISAL era levar as igrejas membros às bases bíblico-teológicas da responsabilidade sociopolítica dos cristãos. Também haviam componentes da ISAL no Brasil, grupos do Setor de Responsabilidade Social e do Departamento de Ação Social, que pertenciam à Confederação Evangélica do Brasil, e desenvolviam processos de reflexão e ação solidária. Mas, o período em que a ISAL foi criada era exatamente o período da Guerra Fria (1945-1991), num momento em que a polarização política havia penetrado até mesmo dentro das igrejas, onde já haviam começado os conflitos político-ideológicos entre os próprios líderes eclesiásticos (MOTA, 1998, p. 148).

A ISAL realizava as suas atividades, recebendo o apoio moral, eclesiástico, político e financeiro do CMI. Além disso, estabeleceu contatos com os setores católicos que partilhavam da militância pela transformação sócio-política⁴². Entretanto, a entidade que antes era composta apenas por representantes dos setores de ação social das igrejas, passou a ser um campo de atuação para pensadores não exatamente filiados aos credos religiosos, mas apenas engajados nas lutas pelo redemocratização. Por sua oposição à ditadura no Uruguai, a ISAL foi desarticulada em 1972 e alguns remanescentes criaram a ação social ecumênica latino-americana (ASEL) em 1974, para substituí-la. No entanto, a ASEL não teve a mesma repercussão que sua antecessora (MOTA, 1998, p. 148-149, 155; BRITO⁴³, 2014, p. 128).

40 As igrejas protestantes preocupavam-se com a realidade socioeconômica latino-americana. No decorrer do século XX, os países subdesenvolvidos da região viviam uma situação difícil, vulneráveis à influência norte-americana durante a primeira guerra (1914-1918), e posteriormente durante a Guerra Fria (1945-1991).

41 CUNHA, MAGALI N. “*Quero Trazer à Memória o que me Traz Esperança*”. *Movimento Ecumênico: Avaliação e Perspectivas*. Revista de estudos e pesquisa da religião, Juiz de Fora, v. 13, p. 103-135, 2010.

42 Isto foi possível graças à Conferência Episcopal Latino-Americana, ocorrida em Medellín – Colômbia, em 1968 (3 anos após o Concílio Vaticano II). Nela a Igreja Católica do continente se desatrelou do histórico compromisso com as elites dominantes e se declarou se preocupar com os pobres também. Além disso, se abriu para o diálogo com as outras tradições cristãs e não-cristãs (GUATURA, 2017, p. 57).

43 BRITO, ANDRÉ SOUSA. “*Cristianismo Ateu*”: *O Movimento Ecumênico nas malhas da repressão militar do Brasil, 1964-1985*. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2014.

Neste contexto de crise no ecumenismo latino-americano, as igrejas protestantes buscaram superar as frustradas tentativas de articulação continental através do CELAS. Desde o final de 1960, passaram a cogitar a criação de um organismo que representasse o protestantismo latino-americano no pacto ecumênico das Igrejas da Reforma. Foi criada, então, uma comissão provisória pró-Unidade da Igreja Evangélica Latino-Americana (UNELAM), que sob o patrocínio e apoio do CMI conseguiu a adesão de dezenas de igrejas nacionais, à proposta de criação do futuro organismo ecumênico. Em 1978, ocorreu a criação provisória do Conselho Latino Americano de Igrejas (CLAI), na Conferência de Oaxtepec – México.

O CLAI, foi fundado oficialmente em novembro de 1982, na Conferência de Huampani – Peru. Ele se define como uma organização de igrejas e entidades ecumênicas da América Latina, cujo objetivo é promover a unidade do povo cristão, respeitando suas identidades confessionais. O Conselho reúne mais de 150 igrejas, mas não tem autoridade para determinar questões de governo, doutrina ou culto. Sua missão é fortalecer-se como espaço de encontro, diálogo mútuo, cooperação e articulação em relação a processos dentro do universo ecumênico, inter-religioso, em relação à sociedade civil etc.⁴⁴ (MOTA, 1998, p. 156).

2.2 O ecumenismo no Brasil

O ecumenismo no Brasil, começou ao mesmo tempo que na América Latina, já que também foi apoiado pelo CCLA. Mas, desde que chegaram ao país, as igrejas protestantes já buscavam cooperar entre si. Antes dos primeiros exemplos, veja a seguinte cronologia:

OS PROTESTANTES CHEGAM NO BRASIL		
Ano	Orientação religiosa e nacionalidade	Primeira igreja
1557	Missionários calvinistas franceses chegam à Bahia de Guanabara-RJ	Em 1630 , por calvinistas holandeses, em Pernambuco
1816	1º Capelão anglicano	Em 1822 , no Rio de Janeiro-RJ
1824	Luteranos alemães	Em 1886 , IECLB no Rio Grande do Sul
1835	Metodistas estadunidenses	Em 1871 , na cidade de Saltinho-SP
1855	Missionários congregacionais	Em 1858, no Rio de Janeiro-RJ
1859	Presbiteriana estadunidense	Em 1862 , no Rio de Janeiro-RJ
1871	Batistas estadunidenses fundam uma igreja batista em Santa Bárbara-SP	Em 1882 , é fundada a primeira Igreja Batista brasileira, em Salvador-BA
1879	Evangélica congregacional (?)	Em 1879 , no rio de janeiro-RJ

44 Disponível em > <http://www.claibrasil.org.br/quem-somos>.

1890	Episcopal anglicana	Em 1890 , em Porto Alegre-RS
1890	Luteranos estadunidenses	Em 1904 , em São Pedro do Sul-RS
1903	EM 1903, dissidentes da Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB), fundam a Igreja Presbiteriana Independente, em São Paulo-SP	
Fontes: GONÇALVES, C. B. <i>Até aos Confins da Terra: O movimento ecumênico protestante no Brasil e a evangelização dos povos indígenas</i> , 2011, p. 46 Cronologia das igrejas protestantes no Brasil > http://pt.m.wikipedia.org .		

A tabela acima, mostra a chegada de protestantes já no período colonial (1500-1815), mas tais investidas foram mal sucedidas. A principal fase de infiltração do protestantismo no Brasil começou em meados do século XIX, a partir do Tratado de Comércio e Navegação firmado em 1810, entre Dom João VI e a Inglaterra, que permitia a realização de cultos não católicos no país (mas de maneira particular e em casa). Não obstante, os recém-chegados tiveram que lidar com vários obstáculos: Além da hostilidade da religião oficial (o catolicismo), havia a proibição de construir igrejas, de fazer prosélitos, de oficializar casamentos e sepultar mortos nos cemitérios públicos⁴⁵ (SOUZA⁴⁶, 2008, p. 9; BARROS, 2011, p. 46).

O primeiro projeto de cooperação inter-protestante no Brasil foi o hospital Samaritano de São Paulo, fundado pelos presbiterianos paulistas em 1894, e que pretendia agregar outros grupos protestantes, devido aos constrangimentos que sofriam nos hospitais paulistas. No campo missionário, um exemplo de cooperação foi o acordo firmado em 1900, entre os presbiterianos e os metodistas, no qual estes concordaram que uma cidade não seria ocupada por mais de uma denominação e que não haveria proselitismo entre elas. As igrejas brasileiras, perceberam que o consenso teológico sobre o evangelho, facilitaria sua pregação e também a implantação do protestantismo (BARROS, 2011, p. 48-49, 62; CUNHA, 2010, p. 118).

Entre os principais divulgadores de ideais de unidade para a evangelização no Brasil, estão: a Associação Cristã de Moços (as)⁴⁷, a Aliança Evangélica de São Paulo, personalidades importantes como os reverendos Hugh Clarence Tucker e J. Tarboux, Erasmo Braga e Álvaro Reis, e jornais evangélicos como “O Estandarte” e “O Expositor Cristão”, que divulgavam as reuniões, os congressos e seus resultados, assim como acontecimentos ecumênicos que

45 Estes desafios dificultaram, mas não impediram que o protestantismo se implantasse no Brasil, de forma que em 1822 (ano da independência), os anglicanos fundaram a primeira igreja protestante do período imperial.

46 SOUZA, ROBÉRIO A. C. *“Vaqueiros de Deus”*: a expansão do protestantismo pelo sertão cearense, nas primeiras décadas do século XX, Niterói – 2008, Universidade Federal Fluminense, Departamento de História, p. 6-14.

47 O movimento Associação Cristã de Moços (ACM), se organizou definitivamente em 1893, no Rio de Janeiro (sendo a primeira da América do Sul), e depois surgiram outras filiais em Porto Alegre, Recife, São Paulo, Sorocaba.

ocorriam no mundo. A Aliança Evangélica de São Paulo (AESP), por exemplo, foi criada em 1902, e seria a responsável pela convocação da primeira Conferência Ecumênica do Brasil.

A “AESP”, objetivava reunir as diversas igrejas paulistas, visando realizar atividades que promovessem a evangelização por meio de folhetos, artigos e pregações ao ar livre. Ainda em 1902, membros da Aliança paulista se reuniram com outras lideranças protestantes, para elaborar os artigos que fariam parte do estatuto da futura Aliança Evangélica Brasileira (AEB). O jornal “O ESTANDARTE”, divulgou as atas das reuniões ocorridas em Dezembro de 1902 e Janeiro de 1903, que precederam o futuro congresso evangélico, chamado de “ecumênico” pelo Jornal “O Expositor Cristão” (BARROS, 2011, p. 63-66).

O autor Carlos Barros (2011, p. 67), diz que entre os objetivos da Conferência, o *Expositor Cristão* destacou a confraternização de modo mais estreito possível entre todos os elementos evangélicos do país, e se referiu a ela como a reunião do maior número de ministros evangélicos que jamais houve (até então). Ironicamente, no mesmo mês da realização do congresso, em Julho de 1903, houve uma cisão na Igreja Presbiteriana⁴⁸, que abalou o entusiasmo pela unidade prestes a ser alcançada, através do encontro ecumênico. Mas, isto não impediu a realização do Congresso Evangélico que ocorreu do dia 25 a 28 de julho de 1903, e que resultou a criação da Aliança evangélica Brasileira — AEB (BARROS, 2011, p. 67, 71).

A AEB, é considerada o primeiro projeto de cooperação protestante a nível nacional e o embrião do ecumenismo brasileiro. No texto de constituição dizia: “São membros da Aliança [...] todos os cristãos em plena comunhão com qualquer igreja evangélica no Brasil”. A unidade e a comunhão seriam promovidas sem intervenção nas esferas locais, e o texto-base da cooperação protestante foi João 17. 21: “para que todos sejam um...”. No entanto, duas coisas convém ser pontuadas: **1-** diferente dos missionários latino-americanos, a AEB tinha como um de seus objetivos, combater a Igreja Católica; **2-** conforme o projeto de constituição, a AEB seria composta por adesões individuais, não por instituições (BARROS, 2011, p. 73, 75-76).

Composta por adesões individuais, a AEB teve apenas repercussão local. Após 1903, conteve-se em coordenar a Semana Universal de Oração (promovida pela Aliança Evangélica Mundial), divulgar notas sobre acontecimentos que envolviam o protestantismo nacional e internacional⁴⁹ etc. Foi o Congresso do Panamá, que efetivamente impeliu o protestantismo brasileiro para a cooperação institucional no campo missionário. Os reverendos Erasmo Braga,

48 Segundo Guatura (2017, p. 28), o reverendo presbiteriano Erasmo Braga pregava a tolerância para com os católicos, mas a sugestão não foi aceita, então surgiu a dissidente Igreja Presbiteriana Independente.

49 Mas, apesar de tudo, o período que vai da Criação da AEB ao Congresso do Panamá foi uma fase de gestação do movimento ecumênico brasileiro.

Álvaro Reis, e Eduardo Carlos foram oradores no Congresso, e além disso, as decisões e os ideais para a expansão do Protestantismo, típicos das reuniões ecumênicas latino-americanas, eram trazidos e praticados no Brasil (GUATURA, 2017, p. 27; BARROS, 2011, p. 89-98).

Em abril de 1916, o CCLA promoveu uma Conferência regional no Rio de Janeiro, reunindo várias igrejas protestantes, além de integrantes de juntas missionárias da América do Norte, de países da América do Sul e Central, como também representantes da ACM, e de algumas sociedades bíblicas estrangeiras. A educação, a evangelização e a literatura foram alguns dos temas debatidos, e em abril de 1917 foi criada a Comissão Brasileira de Cooperação (CBC)⁵⁰, que entre outras coisas, objetivava conseguir uma cooperação mais aberta e completa em todos os trabalhos das corporações eclesiásticas; e servir de órgão de comunicação entre estas denominações e o CCLA (BARROS, 2011, p. 99-100, 106-107).

Até 1920, a CBC concentrou seus esforços no conselho de conciliação, para intermediar nos conflitos entre as igrejas; e no conselho de publicações, produzindo materiais para escolas dominicais, produzindo e divulgando folhetos, livros, Bíblias etc. Em 1921, ampliou seu campo de atuação com a criação de novas subcomissões⁵¹, entre elas a Associação Evangélica de Catequese dos Índios⁵², no mês de março. A CBC, foi a principal articuladora do ecumenismo no Brasil até 1934 e seus trabalhos foram reconhecidos internacionalmente, legando ao Brasil o status de país sul-americano onde as ideias ecumênicas tiveram maior repercussão. Isto é notado nos documentos do CCLA (BARROS, 2011, p. 108-109, 124-125, 129-130).

Esta movimentação não passou despercebida pela igreja católica, que percebia o recuo e a limitação de suas atividades para o campo privado, entre outras coisas, devido à proclamação da República em 1889 (que demonstrou sua orientação laica, facilitando a expansão protestante), e à emergência da sociedade moderna. Como reação a essa situação, foi realizado o congresso eucarístico em 1922, sob a justificativa de que o povo devia manifestar gratidão e reconhecimento pela obra civilizadora que a igreja realizou no país. Entre os benefícios que o Brasil devia à igreja católica estavam a consolidação da unidade nacional e o espírito de fraternidade (BARROS, p. 156 apud DIAS, 1993, p. 134, 136).

50 A CBC, foi criada para executar as recomendações e resoluções da Conferência do Rio. Os reverendos H. C. Tucker e Álvaro Reis foram eleitos presidentes da comissão, que durante toda a sua existência recebeu auxílio financeiro do CCLA. Foi composta pelas igrejas Presbiteriana do Brasil, Congregacional, Episcopal, Presbiteriana Independente e Metodista. Também faziam parte a Sociedade Bíblica Americana, a Sociedade Bíblica Britânica, a ACM, a Junta Missionária da Igreja Presbiteriana do Sul dos Estados Unidos e Missão Episcopal.

51 Tais esforços, visavam superar as diferenças teológicas e doutrinárias entre as igrejas, para facilitar a evangelização do país, e ao mesmo tempo, proporcionar às igrejas protestantes visibilidade e credibilidade perante a sociedade e suas entidades.

52 O reverendo Erasmo Braga, chegou a dizer que ao lado das comissões de publicidade, serviço médico missionário, estatística e informações, a AECI representava um sinal de grande desenvolvimento dos mecanismos da Comissão de Cooperação.

Mas, assim como na América Latina, o ecumenismo no Brasil também passou por uma crise, em meados do século XX. Em 1934, a CBC deixou de existir e foi criada no mesmo ano a Confederação Evangélica Brasileira (CEB), que agregava as igrejas: Congregacional, Presbiteriana do Brasil, Presbiteriana Independente, Metodista e Luterana. Entre seus objetivos estavam: “promover a unidade entre as igrejas protestantes, a fim de representá-las ante a opinião pública e as autoridades políticas; promover ações conjuntas no campo do ensino teológico, da evangelização, de ações sociais etc.” (BRITO, 2014, p. 81; CUNHA, p. 118).

Percebemos que a CEB foi criada no período da Era Vargas (1930-1945), quando os movimentos de esquerda já ensaiavam revoluções armadas. Na época, o protestantismo assumiu os ideais políticos norte-americanos, assim como o anticomunismo, mas alguns fatores como a atuação da UCEB⁵³ e a polarização política da Guerra Fria, resultariam no oposicionismo entre os ditos progressistas ecumênicos e os conservadores fundamentalistas. Os primeiros, tinham vocação ecumênica, mantiveram parceria com setores católicos que também trabalhavam com ações sociais, e criaram o Setor de Responsabilidade Social (SRS)⁵⁴ em 1955, integrando-o à CEB. Os segundos, não tinham vocação ecumênica, não desejavam se inserir nas questões sociopolíticas e rejeitavam qualquer vínculo com os católicos (BRITO, 2014, p. 76, 83-84).

O SRS realizou várias Conferências e na última delas em 1962, o tema foi “Cristo e o processo revolucionário brasileiro”. A ocasião reuniu igrejas protestantes de várias regiões do Brasil e abriu espaço para que sociólogos e educadores (marxistas ou sem vínculo com as igrejas), palestrassem. Foi então que os conservadores, começaram a perseguir os progressistas, acusados de já estarem influenciados demais pelo comunismo. A UCEB, por sua vez, foi acusada de fazer os estudantes perderem a fé, e perdeu o apoio pastoral e financeiro de várias organizações estrangeiras (CUNHA, p. 120, 124; SOUZA, 2014, p. 88-89, 95)

O regime militar (1964-1985), reprimiu duramente as manifestações ditas comunistas ou subversivas, e o movimento ecumênico (que tinha o apoio da Igreja Católica pós-Vaticano II), também sofreu perseguição por participar dos movimentos reivindicatórios daquele período⁵⁵. Foi a repressão e a crise financeira, que causaram extinção da CEB ainda em 1964, resultando na criação do semiclandestino, e sem registro, Centro Ecumênico de Informação

53 Fundada em 1940, a União Cristã de Estudantes do Brasil era um agrupamento ecumênico, composto de jovens de várias igrejas, que promovia a formação de um pensamento social de esquerda no protestantismo.

54 O SRS, foi criado sob o apoio doutrinário e financeiro do CMI, e promovia os ideais de unidade e responsabilidade sociopolítica das igrejas.

55 No final de 1960 e durante a década de 1970 a questão da defesa e promoção dos direitos humanos e sociais (salário digno, saúde, educação, moradia, terra e trabalho), aproximou os setores católicos dos protestantes, assim como aprofundou a separação entre os grupos eclesiais ditos "conservadores" e "progressistas".

(CEI) em 1965, para levar adiante o ideal ecumênico de unidade e responsabilidade sociopolítica (CUNHA, 2010, p. 128; BRITO, 2014, p. 95-97)

Em 1974, porém, o CEI saiu da clandestinidade e transformou-se no “centro ecumênico de documentação e informação” (CEDI)⁵⁶, autônomo em relação as igrejas, mas comprometido com a cooperação ecumênica, e claro, com a inserção das igrejas nas lutas sociais e políticas, e na defesa dos direitos humanos. Outro órgão ecumênico, ativo na sociedade, foi a Coordenadoria Ecumênica de Serviço (CESE)⁵⁷, criada em 1973, na cidade de Salvador-BA, por igrejas sensíveis à problemática sócio-política do Brasil. Um de seus objetivos, era realizar ações concretas que pudesse servir de apoio a comunidades pobres especialmente do nordeste do Brasil (MOTA, 1998, p. 153-154; BRITO, 2014, p. 108, 229).

No documento de criação da CESE, consta o objetivo de mobilizar recursos humanos e materiais, para amparar iniciativas de projetos de desenvolvimento, saúde, educação, direitos humanos, minorias étnicas (negros e índios), a mulher na sociedade etc. Em 1975⁵⁸, foi criada a Comissão Pastoral da Terra (CPT), durante a Conferência do CNBB na cidade de Goiânia (GO). O objetivo era ser um serviço à causa dos trabalhadores (as) do campo e ser um suporte para a sua organização. Somente em 1982, seria fundado o Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (CONIC), principal órgão ecumênico a nível nacional da atualidade (BRITO, p. 240, 243, 277).

O CONIC, foi criado na cidade de Porto Alegre – RS, após uma série de 13 encontros entre líderes da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e líderes de várias igrejas protestantes. Nestes encontros, que já vinham acontecendo desde 1975, os líderes eclesiásticos refletiram sobre vários temas, como o sacramento do batismo, a Eucaristia, o matrimônio etc. as igrejas fundadoras do CONIC são: Igreja Católica Romana, a Igreja Cristã Reformada do Brasil, a Igreja Episcopal (Comunhão Anglicana) do Brasil, a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil e a Igreja Metodista (BOSCO, 2011, p. 37; BRITO, 2014, p. 277).

Em 2004, o CONIC recebeu a adesão das igrejas Presbiteriana Unida e Católica Ortodoxa Siriana. Em 2007, no mosteiro de São Bento em São Paulo, as igrejas-membro assinaram um documento pelo qual reconhecem mutuamente o Batismo administrado nas respectivas Igrejas (o batismo, vem a ser o sacramento da unidade). Em 2014, porém, as igrejas Metodista e Cristã Reformada do Brasil deixaram o CONIC, que hoje é composto pela Aliança

56 O CEDI foi criado por pastores e leigos dissidentes da CEB, e da igreja presbiteriana do Brasil. A entidade foi extinta em 1994, mas o koinonia-presença ecumênica e serviço, é tido como seu herdeiro mais direto.

57 A CESE era composta pelas igrejas metodista, episcopal do brasil, presbiteriana do brasil central, evangélica pentecostal “o brasil para cristo”, IECLB, crista reformada, presbiteriana unida e a Igreja Católica (através da CNBB). No século XXI, agrupa as igrejas: IECLB, presbiteriana independente do brasil, presbiteriana unida do brasil, episcopal anglicana do brasil, igreja católica e aliança de batistas do brasil.

58 Informação disponível no site: <https://www.cptnacional.org.br>.

de Batistas do Brasil e pelas igrejas: Católica Romana, Episcopal Anglicana do Brasil, IECLB, Siriana Ortodoxa de Antioquia e Presbiteriana Unida⁵⁹. O CONIC, é uma “associação fraterna de igrejas que confessam a Cristo como Deus e Salvador, segundo as escrituras”. Sua missão, é “fortalecer o testemunho ecumênico das igrejas-membro, fomentar o diálogo inter-religioso e promover a interlocução com organizações civis e com o governo, em favor de políticas que promovam a justiça e a paz”⁶⁰ (BOSCO, 2011, p. 38-39; BRITO, 2014, p. 278-279).

2.3 O ECUMENISMO NO SÉCULO XXI: AVANÇO X ESTAGNAÇÃO (?)

No século XXI o Movimento Ecumênico enfrenta desafios que eventualmente podem comprometer as conquistas até então alcançadas. Entre tais desafios, estão: a necessidade de repensar o significado e a abrangência de “ecumenismo”, devido à crescente globalização que põe em debate o chamado “macroecumenismo”; as dificuldades que as próprias igrejas participantes tem em assumir completamente os compromissos que o movimento lhes coloca; e a indiferença para com o movimento, por parte de um considerável número de cristãos.

2.3.1 Ecumenismo, Globalização e “Macro-ecumenismo”

Afinal, qual o conceito de Ecumenismo hoje? Brakemeier⁶¹ (2001, p. 195), diz que o Ecumenismo tem a unidade da igreja por meta, é o empenho por reunir todos os fiéis sob o mesmo Cristo. Segundo Guatura (2017, p. 64), é um movimento que deseja unir cristãos na sua diversidade e prática da igreja cristã no mundo. A autora Magali (2011, p. 35-36), por sua vez, explica que o Ecumenismo é um princípio, uma confissão de fé, uma teologia, evocado pelo Movimento Ecumênico. O “Movimento”, diz respeito ao conjunto de iniciativas protestantes pela unidade e cooperação, que começaram desde o século XVIII pelas agências missionárias e foram levadas adiante pelas posteriores ligas institucionais e movimentos leigos.

O “Ecumenismo”, diz respeito ao “princípio de unidade cristã”, afirmado pelo Movimento que, por isso é chamado de “Ecumênico”. Entretanto, Brakemeier (2001, p. 197-199, 203), observa que a globalização pela qual o mundo passa, aproxima e confronta as

59 Na categoria de membros fraternos estão: a CESE, a koinonia-presença ecumênica e serviço, o Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e Educação Popular CESEP, o Centro de Estudos Bíblicos (CEBI), a Comissão Nacional de Combate ao Racismo (CENACORA), a Ação dos Cristãos para a Abolição da Tortura (ACAT – Brasil), o Dia Mundial de Oração (DMO), o Programa de Formação e Educação Comunitária (PROFEC), e o Centro Ecumênico de Capacitação e Assessoria (CECA).

60 Disponível em: <https://www.conic.org.br>.

61 BRAKEMEIER, Gottfried. Perspectiva Teológica: Ecumenismo. FAJE, V. 33, n. 90 p. 195-216, 2001.

culturas e as religiões, que são impelidas a buscar uma forma de convivência. O ecumenismo, portanto, supostamente sofre uma “defasagem” em seu conceito e proposta. Segmentos do mundo ecumênico, se recusam ampliar a *Oikoumene* para além da igreja, temendo que a causa se perca na confusão das indefinições. Mas, a unidade cristã não seria abandonada, apenas assumiria o objetivo maior de construir a comunhão entre culturas, raças, gêneros e outros.

Neste caso, podemos concluir que a proposta de unidade do “macroecumenismo”, parte do pressuposto de que a humanidade tem a mesma origem, todos são filhos e filhas de Deus. Sendo assim, através do diálogo entre as religiões, poderá haver paz entre os povos. Neste contexto, convém citar a dita “teologia das religiões”, da qual o escritor Hans Kung parece ser o principal expoente. Cláudio de Oliveira⁶² (2012, p. 919), recita a pressuposição básica daquele autor que diz: “não haverá paz entre as nações, se não existir paz entre as religiões. Não haverá paz entre as religiões, se não existir diálogo entre as religiões [...] (OLIVEIRA, 2012, p. 919; BRAKEMEIER, 2001, p. 203).

Mas, e a missão da Igreja? As igrejas hoje se deparam com uma ampla diversidade cultural e religiosa, num mundo em que muitos vêem a missão como uma invasão cultural e uma agressão à liberdade de culto inerente ao indivíduo. A missão continua, porém sob o critério de não obrigar, nem pressionar. Como a boa educação, ela possibilita a decisão livre e consciente, “a missão não agressiva é a única forma verdadeira de missão” (BRAKEMEIER⁶³, 1996, p. 69, 70). Quanto ao envolvimento nas questões sociais, o pastor luterano Walter Altman (moderador do CMI em 2011), declarou à revista IHU ON-line⁶⁴ que entre as prioridades do CMI, estão a igualdade entre mulheres e homens, as questões indígenas e os direitos humanos.

2.3.2 As dificuldades das igrejas em relação ao Ecumenismo

Entre os textos bíblicos que fundamentam a teologia ecumênica, o principal é João 17. 20-23, do qual provém a frase “que todos sejam um”. Outros exemplos de textos são: João 10. 16; 11. 51-52; Romanos 12. 5, 16; Gálatas 3. 28; Efésios 4. 4-5. Mas, as próprias igrejas envolvidas no ecumenismo hesitam de certa forma, já que a perda da identidade confessional, o relativismo da fé eclesial e a perda do “controle” das iniciativas ecumênicas de seus fiéis, são alguns dos temores que limitam a inserção das igrejas no movimento, fazendo com que

62 OLIVEIRA, CLÁUDIO DE. *Religiões e paz: Perspectivas teológicas para uma aproximação ecumênica das religiões*. Belo Horizonte, v. 10, n. 27, p. 917-936, jul./set. 2012.

63 BRAKEMEIER, G. *Consensos e Conflitos Ecumênicos em tomo da Missão Cristã: Uma Avaliação a partir da Conferência de San Antonio*. p. 61-81, 1996.

64 Disponível em > www.ihu.unisinos.br.

geralmente, as relações entre elas sejam mais diplomáticas do que realmente ecumênicas e teológicas (WOLFF, 2005, p. 20; BOSCO, 2011, p. 26-27; GUATURA, 2017, p. 4).

Torna-se, então questionável se todas as igrejas entendem o ecumenismo da mesma forma. Brakemeier (2001, p. 201) observa, por exemplo, que os resultados do diálogo doutrinal tiveram efeitos pouco expressivos já que as igrejas não acolheram oficialmente as possibilidades de aproximação teológica. Na entrevista concedida à revista IHU ON-line, Walter Altman, falou sobre a relativa facilidade de as igrejas se entrencharem nos muros confessionais estabelecidos; na mesma revista, o bispo D. Manoel (presidente do CONIC de 2011 a 2015), declarou não existir ainda plena comunhão na interpretação do kerigma cristão, da doutrina da graça, dos sacramentos, da natureza da Igreja, entre outros.

Para Elias Wolff (2005, p. 22), a construção de uma “igreja ecumênica” pode superar os temores citados acima, ou seja, uma comunidade de cristãos instruída no ideal de unidade, e que reconhecem a fé cristã professada em outros espaços (certamente, outras instituições), dispõe mais espaço para o diálogo, a tolerância e o reconhecimento do outro. Além disso, adotar uma concepção de igreja que implique o ecumenismo, faz surgir o que o autor chama de “ecumenismo eclesial”, que seria praticado pela “igreja ecumênica”. Elementos como a fé, a graça, o evangelho, a ação sacramental, a prática do amor pelo próximo etc. são constitutivos tanto da igreja como do ecumenismo, e todos conduzem à unidade (WOLFF, 2005, p. 22, 25).

2.3.3 Os “cristãos anti-Ecumenismo”

Analisando as questões acima, percebemos que para cada problema há uma solução que, se acatada, vai garantir a estabilidade do movimento ecumênico entre as igrejas cristãs, e possibilitar a inclusão religiões não-cristãs. Mas, é evidente que tais questões ainda carecem de discussão e consenso, além disso existem igrejas que sequer aderiram ao movimento, como é o caso da Igreja de Confissão Luterana no Brasil (ICLB), que só mantém contatos com a Igreja Luterana norte-americana, não é membro da FLM, do CMI ou do CONIC⁶⁵. Quanto aos cristãos “pentecostais” e “neopentecostais”, não há registros de que as igrejas Universal do Reino de Deus e Assembleia de Deus, estejam em algum grupo ecumênico (GUATURA, p. 35-36).

Neste caso, os segmentos do cristianismo com postura anti-ecumênica, são os que melhor configuram os ditos “grupos fundamentalistas” para os quais, segundo Guatura (2017,

⁶⁵ A IECLB, porém, faz parte tanto da FLM como dos demais órgãos ecumênicos citados.

p. 75) o diálogo inter-religioso — característico do ecumenismo — “traz incertezas”, fazendo-os temer que o caminho já trilhado possa desmoronar, causando a desconstrução da sua fé. O autor afirma, que isso não é a essência do diálogo inter-religioso, visto que trabalha para conhecer o outro, para que seja possível construir uma relação de paz numa sociedade tão pluralista. Sendo assim, somos impelidos a discutir o ecumenismo do ponto de vista desses ditos “fundamentalistas”, especificamente do ponto de vista da Assembleia de Deus, o maior grupo pentecostal do Brasil.

CAPÍTULO 3 – O ECUMENISMO E A ASSEMBLEIA DE DEUS

Autores como Magali e Luís Guatura, dialogam entre si quando o assunto é o ecumenismo na compreensão dos pentecostais. Para ambos, os Movimentos Ecumênico e Pentecostal foram dois eventos cristãos contemporâneos que marcaram a história do século XX⁶⁶. Mas, apesar de terem surgido e se expandido paralelamente, estes ainda estão em fase de aproximação, já que muitas igrejas pentecostais não praticam o ecumenismo, principalmente a Assembleia de Deus brasileira (objeto de estudo deste trabalho). Compreender esta realidade, demanda uma exposição da origem do Pentecostalismo e da Assembleia de Deus, assim como seus primeiros contatos com a *Oikoumene*.

3.1 Movimento Pentecostal: etimologia e origem histórica

A palavra “pentecostal” deriva de “Pentecostes” (πεντεκοστέ, em grego), uma das três festas judaicas que aconteciam uma após a outra (Páscoa, Pentecostes e Tabernáculos). Primeiro, os judeus celebravam a Páscoa por sete dias e depois do sétimo dia se passavam sete semanas, para que então ocorresse a “festa da colheita”⁶⁷ que, por ser comemorada no quinquagésimo dia do calendário judaico, era chamada pelos gregos de Pentecostes [que significa “quinquagésimo” (50)]. A ocasião reunia judeus vindos de várias partes do mundo que ofereciam as primícias das colheitas em ação de graças, no templo de Jerusalém (ALMEIDA⁶⁸, 2007, p. 14; OLIVEIRA⁶⁹, 2006, p. 18).

66 O Movimento Pentecostal surgiu em 1900 nos Estados Unidos, e o Movimento Ecumênico começou oficialmente em 1910 na Conferência de Edimburgo-Escócia, sendo que este já vinha sendo gestado desde o século XIX.

67 A instituição do Pentecostes é descrita em Levítico, capítulo 23; e em Deuteronômio, capítulo 16.

68 Almeida, Joéde Braga de. *O sagrado e o profano: construção e desconstrução dos usos e costumes nas Assembleias de Deus no Brasil*. Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2007.

69 Oliveira, Rubeneide Lima Fernandes. *Movimento Pentecostal, Assembléia de Deus e o Estabelecimento da Educação Formal*. Universidade metodista de Piracicaba faculdade de ciências humanas, 2006.

Segundo Rubeneide (2006), no Antigo Testamento da Bíblia o Pentecostes visava aproximar o homem e Deus, mas no Novo Testamento assume um novo significado (no ponto de vista dos cristãos, não dos judeus), pois a “efusão do Espírito Santo” aconteceu no primeiro dia da referida festa. A “efusão” (derramamento?) do Espírito, foi uma promessa que a divindade hebraica *Yahweh* fez ao povo hebreu, em cerca de 800 a. C. *Yahweh* falou através do profeta Joel dizendo: “...derramarei o Meu Espírito sobre toda carne, e os vossos filhos e vossas filhas profetizarão, os vossos anciãos sonharão sonhos, e os vossos jovens terão visões” (Jl 2. 28⁷⁰; Buckland & Williams, 2007, p. 162, 329⁷¹).

Segundo a Bíblia, Jesus estava no Monte das Oliveiras quando repetiu a promessa de *Yahweh* a seus apóstolos (833 anos depois de Joel): “...sobre vós envio a promessa de meu Pai; ficai [...] na cidade de Jerusalém, até que do alto sejais investidos de poder” (Lucas 24.49). Os apóstolos e os que ouviram estas palavras, foram então para Jerusalém, esperar o cumprimento da promessa. No livro Atos dos apóstolos diz: “...cumprindo-se o dia de Pentecostes⁷² [...] veio do céu um som [...] que encheu toda a casa [...] foram vistas por eles línguas repartidas como que de fogo, as quais pousaram sobre cada um [...] todos foram cheios do Espírito Santo e começaram a falar noutras línguas (Atos 2. 1-4).

No dia em que o Espírito desceu, judeus de várias partes do mundo já estavam em Jerusalém para celebrar o Pentecostes. Conforme o livro de Atos, eles vieram da Pártia, da Média e de Elão (Mesopotâmia e seus arredores); da Capadócia, do Ponto, da Frígia, da Panfília e da Arábia (Ásia); do Egito e de partes da Líbia próximas a Cirene (África); forasteiros romanos, judeus e prosélitos, e de Creta (Europa). Todos ouviram as “línguas estranhas” e ficaram pasmos ao ver que leigos galileus falavam suas línguas, pois entendiam o que falavam. Para muitos teólogos, a prática da glossolalia⁷³ é a principal evidência do “batismo com Espírito Santo” (Atos 2. 9-11; ALMEIDA, 2007, p. 14-16).

Almeida (2007), diz que para os adeptos do pentecostalismo foi com a descida do Espírito sobre os discípulos que o Movimento Pentecostal começou. Rubeneide (2006), a partir dos teólogos Champlin e Boyer, expõe a seguinte interpretação teológica dos elementos que compõem o “batismo com Espírito Santo”: As “línguas como que de fogo”, significam a pureza ética; as chamas que desceram sobre a cabeça daqueles que ali estavam simbolizam a pureza e

70 Bíblia de Estudo do Expositor, publicada pelo Ministério de Jimmy Swaggart. 2º ed, 2015, p. 1581.

71 Buckland, A. R. (1857-1942) & Williams, Lukyn. Dicionário bíblico universal / tradução Joaquim dos Santos Figueiredo. – 4. ed. rev. e atual. – São Paulo: Editora Vida, 2007. 622 p.

72 No primeiro dia da festa, ou seja, cinquenta dias após o fim da Páscoa.

73 Nome dado ao fenômeno em que as pessoas falam em línguas desconhecidas, e que está presente em algumas religiões cristãs (tais como pentecostais, neopentecostais e a Renovação Carismática Católica).

ressaltam a necessidade da pureza ética do indivíduo. O fogo e o vento são símbolos que representam a presença divina. Na Bíblia, o fogo representava a descida ocasional do Espírito, que purifica e santifica.⁷⁴

3.2 Principais Momentos precursores do Pentecostalismo moderno

Após o evento descrito em Atos 2, parece não ter ocorrido um caso semelhante pelos próximos 14 séculos (II-XV). Nenhum dos autores consultados sobre este assunto, mencionam qualquer experiência Pentecostal equiparável à que os apóstolos vivenciaram, mas vários fatos na história do cristianismo podem ser descritos como precursores do Pentecostalismo moderno. Guatura (2017)⁷⁵, diz que o Movimento Pentecostal remonta desde os séculos passados, sendo explícito somente a partir de John Wesley e Jonathan Edwards, no século XVIII. Almeida e Rubeneide, são mais detalhistas e registram o conjunto de ocasiões que precederam aos personagens citados por aquele autor.

Almeida (2007), identifica a Reforma Protestante, o Pietismo e o Metodismo como os maiores “despertamentos espirituais religiosos”, nos quais se buscava uma relação íntima do indivíduo com Deus (característica presente no Pentecostalismo). Rubeneide (2006), por sua vez, descreve várias “evidências pentecostais” que ocorreram na história. Portanto, torna-se possível sincronizar os principais fatos sem ignorar sua ordem cronológica. O primeiro “despertamento espiritual”, foi a Reforma Protestante⁷⁶ iniciada em 1517 por Lutero, que queria abrir um debate para uma avaliação interna da Igreja Católica, por acreditar que ela precisava ser renovada a partir do Evangelho.

Tal proposta foi rejeitada, mas as 95 teses foram analisadas uma a uma pelo Movimento Protestante (parte delas foi rejeitada, surgindo então a Reforma Radical, entre 1525 e 1580). O desejo de voltar às “raízes cristãs”, acabou originando movimentos radicais, como os anabatistas e os espiritualistas, para os quais não bastava a separação da Igreja Católica, mas autonomamente buscavam primar pela santidade e pela ética. Ao que parece, esta subdivisão do protestantismo resultou da liberdade de interpretação da Bíblia postulada por Lutero, e o Pentecostalismo pode ser compreendido como um desdobramento dessa “liberdade” (OLIVEIRA, 2006, p. 30; ALMEIDA, 2007, p. 22).

74 Oliveira, Rubeneide Lima Fernandes. *Movimento Pentecostal, Assembleia de Deus e o Estabelecimento da Educação Formal*. Universidade metodista de Piracicaba, 2006, p. 21-22.

75 GUATURA, LUÍS D. S. *Diálogo ecumênico e inter-religioso para o caminho da paz*, 2017, p. 41.

76 Podemos citar a tradução da Bíblia para outros idiomas e a sua popularização, como duas das principais consequências da Reforma que quebraram o monopólio da Igreja Católica na época.

Foi nas Igrejas protestantes, que várias evidências pentecostais ocorreram. Os anabatistas radicais (século XVI), eventualmente falavam em línguas estranhas e por volta de 1700, tal manifestação se repetiu entre os calvinistas das cavernas. Em meados do século XVII, o Luterano Philipp J. Spener (1635-1705) iniciou Pietismo⁷⁷ na Alemanha. Este, foi o segundo grande “despertamento espiritual” da história, pois na época, protestantes e muitos católicos buscavam um reavivamento prático, enfatizando o contato direto do indivíduo com Deus. O fiel, após passar pela conversão, devia aderir a uma nova conduta “desapegada do mundo material e apoiada na comunidade reunida em culto ao redor do estudo da Bíblia”⁷⁸ (ALMEIDA, 2007, p. 23; OLIVEIRA, 2006, p. 31).

Entre 1730 e 1733, a glossolalia tornou-se crescente entre os Calvinistas das cavernas, que eram tomados por convulsões (?) e falavam em línguas. A seita dos “Shakers” (ramificação dos Quacres, surgida na Inglaterra do século XVIII) também praticou a glossolalia e as agitações corporais. Mas, o movimento que marcou o século XVIII foi o Metodismo (o terceiro dos grandes despertamentos espirituais) fundado pelo clérigo anglicano John Wesley em 1730, na Inglaterra. Numa época em que a Igreja Anglicana estava numa situação moral calamitosa⁷⁹, John e seu irmão Charles Wesley, reuniam-se com mais dois irmãos em Oxford para estudar a Bíblia.

Os estudantes criaram o pequeno “Clube Santo” e levavam uma vida devocional disciplinada, praticavam obras de caridade, alfabetização e visitas aos presos; e por dedicarem-se ao estudo metódico da palavra, foram apelidados de “Metodistas”. O Metodismo visava a santidade de vida e a harmonização da vontade do homem com a vontade divina. Em 1739, Wesley iniciou uma vida de pregação ao ar livre e percorreu quase 200 mil milhas a cavalo entre Inglaterra Escócia e Holanda. Sua mensagem de santificação “incendiou” a Inglaterra (ele pregava contra o álcool, a escravidão etc.), causando nos ingleses um desejo incessante de buscar o batismo com Espírito Santo.

Em 1734 (quatro anos após o início do Metodismo, na Inglaterra), o pastor congregacional Jonatham Edwards liderou um movimento avivalista⁸⁰ na cidade de Northampton – Massachusetts (EUA), que se espalhou pelas colônias da norte-americanas e

77 Reavivamento espiritual que ocorreu entre os luteranos alemães do século XVII, e que, posteriormente, ganhou notoriedade na Inglaterra e nos Estados Unidos (Andrade, Claudionor Corrêa de. Dicionário Teológico, 1 ed. – Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 1996, p. 205).

78 Os pietistas, fizeram ações ligadas à moralidade (vestimenta, lazer etc.), e à responsabilidade da igreja no mundo (missão e caridade).

79 Wesley e seus amigos, porém, não desejavam separar-se da Igreja Anglicana, mas reformá-la.

80 Os movimentos avivalistas mantinham base calvinista, enfatizando a soberania de Deus, mas também arminiana, enfatizando a necessidade de conversão instantânea e de reorganização da vida em busca da perfeição necessária à salvação.

chegou até à Escócia e à Inglaterra. No século XIX, eventos pentecostais de menor abrangência ocorreriam, como em 1801 quando, num acampamento presbiteriano, cerca de três mil pessoas começaram a se mover e a falar em outras línguas. Em 1830, o escocês Edward Irving iniciaria um movimento em que os fiéis praticavam a glossolalia, acreditando ser a mesma evidência do Pentecostes (ALMEIDA, 2007, p. 24-25; OLIVEIRA, 2006, p. 31-33, 38; GUATURA, 2017, p. 42; CUNHA, 2011, p. 36).

3.3 O Movimento Pentecostal Moderno

Após todos esses eventos, finalmente surgiu o “Movimento Pentecostal Moderno”, em 1900, por iniciativa do pastor e pregador metodista Charles Parhan (1873-1929). Na época, o mundo ocidental vivia a *Belle Époque* (“bela época”), que durou de 1871 (fim da guerra prussiana) a 1914 (início da Primeira Guerra Mundial). Este, foi um período em que os avanços tecnológicos, sociais e políticos se alastraram pela Europa e pelos Estados Unidos numa escala nunca vista antes⁸¹. Os EUA, por exemplo, passava por uma vertiginosa industrialização, causando tanto o êxodo rural para os centros urbanos como a vinda de milhões de imigrantes. Entre 1890 e 1910, cerca de 18 milhões de imigrantes europeus vieram ao país para trabalhar na indústria e na mineração⁸².

Foi nesse contexto político, econômico e social, que o Movimento Pentecostal teve início. Desanimado com a própria “aridez” espiritual, em 1900 Charles Parhan alugou uma mansão em Topeka – Kansas e fundou a Escola Bíblica Betel, que durou um ano. Nela, se reuniram 40 alunos que acreditavam na promessa feita aos apóstolos de que o poder do Espírito não desceria somente nos tempos apostólicos, mas a todos quantos cressem. Ao estudarem sobre o Espírito Santo, concluíram que o falar em línguas era o sinal de que o fiel recebera o “batismo”. Na véspera do ano novo, a aluna Agnes Ozmen começou a falar em línguas, seguida de outros alunos em poucos dias, começava então o Movimento Pentecostal (ALMEIDA, 2007, p. 25-26; GUATURA, 2017, p. 42).

Parahn passou a publicar o periódico quinzenal “Apostolic Faith (Fé Apostólica)”, no qual difundia suas ideias. A conversão pessoal e a santificação (herdadas do Metodismo), o pré-milenismo (herdado dos movimentos avivalistas) e o batismo com o Espírito Santo por meio do falar em “línguas estranhas”, são os conceitos trabalhados por Parhan que mais tarde se

81 Foi uma época de grandes personagens que realizaram grandes invenções: Marie Curie isolou o rádio, Leo Baekeland inventou a baquelite, o primeiro polímetro sintético. O telefone, O automóvel, A locomotiva a vapor, O avião etc. foram invenções da *Belle Époque* (disponível em <https://m.brasilecola.uol.com.br>).

82 [https://pt.wikipedia.org/wiki/Historia_dos_Estados_Unidos_\(1865-1918\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Historia_dos_Estados_Unidos_(1865-1918)).

tornariam as doutrinas básicas do Movimento Pentecostal. O fenômeno Pentecostal não se alastrou apenas no Kansas, mas também em outros Estados norte-americanos como Oklahoma e Texas. Neste último, surge a figura de William J. Seymour (1870-1922), o responsável pela repercussão mundial do Pentecostalismo.

Seymour, foi o mais destacado entre os alunos de Parham, na outra escola que este fundou em Houston - Texas. Ele era negro, filho de ex-escravos, cego de um olho, humilde e simples na sua homilética⁸³, mas se interessava tanto pelo batismo com espírito santo que começou a pregar constantemente sobre o revestimento de poder, sendo por isso expulso da Igreja Batista que liderava em Los Angeles. Em 1906, criou a pequena comunidade “Missão da Fé Apostólica”, em cujas reuniões as pessoas começaram a ser batizadas com espírito santo, de forma que tal movimento atraiu multidões de pessoas que vinham ouvir a pregação e experimentar o batismo (CUNHA, 2011, p. 37; ALMEIDA, 2007, p. 26-27; OLIVEIRA, 2006, p. 35, 45; GUATURA, 2017, p. 42-43).

O Pentecostalismo, portanto, foi um fenômeno religioso que marcou o século XX e é definido pela autora Magali (2011), como um princípio, uma confissão de fé, uma teologia, que emergiu do Movimento Pentecostal. A autora escreve:

Neste princípio [...] afirma-se a necessidade de confirmação da presença de Deus na vida do fiel por meio de um trabalho do Espírito Santo de pós-conversão: o batismo [...] entendido como revestimento de poder para a missão e o ministério, e que representa a restauração dos dons espirituais elencados, principalmente, em 1Co 12.8-10⁸⁴.

Rubeneide de Oliveira (2006), complementa:

O nome Movimento se deve à rapidez com que se espalhava a mensagem pentecostal. Por essa razão o termo “Movimento Pentecostal”, passou a designar todos os grupos que enfatizavam a recepção do batismo com Espírito Santo, acompanhado do [...] falar em outras línguas [...].⁸⁵

3.4 A origem da Assembleia de Deus e o Pentecostalismo no Brasil

Nos primeiros 14 anos do século XX, o Pentecostalismo se expandiu vertiginosamente pelos Estados Unidos, surgiram congregações de culto em vários Estados. Mas, o movimento

83 Ciência que ensina os princípios fundamentais da arte de bem falar em público.

84 CUNHA, MAGALI NASCIMENTO. Pentecostalismo e movimento ecumênico: divergências e aproximações, Estudos de Religião, v. 25, 2011, p. 38.

85 Oliveira, Rubeneide Lima Fernandes. *Movimento Pentecostal, Assembleia de Deus e o Estabelecimento da Educação Formal*. UMP, 2006, p. 46.

procedia de várias escolas de pensamento, para evitar conflitos de opiniões alguns ministros pentecostais pediram um Concílio Geral que criasse normas acerca dos ensinamentos e práticas do movimento. Em abril de 1914, cerca de 300 ministros e delegados pentecostais de todo o país se reuniram em Hot Springs – Akansas, surgindo assim as “Assembleias de Deus” nos Estados Unidos. Foi redigida uma declaração de princípios de igualdade, unidade e cooperação, mas sem ferir a soberania das igrejas locais (OLIVEIRA, 2006, p. 44-47; AMÉRICO, 2013, p. 53).

No Brasil, o nome Assembleia de Deus começou a ser usado em 1918, mas o “fenômeno” pentecostal começou em 1910 com os missionários Luigi Francescon, Daniel Berg e Gunar Vingren. Nesse ano, o mundo vivia o primeiro dos últimos quatro anos da Belle Époque (1871-1914), e o Brasil era presidido pelo carioca Nilo Peçanha (1909-1910)⁸⁶, o 7º presidente da República Velha (1889-1930). Luigi Francescon, era um imigrante italiano que morava nos Estados Unidos, que chegou a São Paulo em Março de 1910, onde começou a pregar a mensagem pentecostal. Em junho do mesmo ano fundou a Congregação Cristã do Brasil, em São Paulo (ALMEIDA, 2007, p. 29-30).

Daniel Berg e Gunar Vingren eram imigrantes suecos nos Estados Unidos, e são os fundadores da Assembleia de Deus no Brasil. Eles migraram para a América quando seu país estava em crise financeira, entre 1890 e 1910⁸⁷. Daniel B. (1884-1963) foi para a América em 1902, aos 17 anos, onde trabalhava como metalúrgico. Numa visita à Suécia, ouviu seu melhor amigo pregar a mensagem pentecostal e concluiu que deveria buscar a nova experiência. Ainda na Suécia, foi batizado com o Espírito Santo aos 25 anos⁸⁸, e decidiu então se dedicar no ministério pastoral. Gunar V. (1879-1933)⁸⁹, migrou em 1903 para Kansas City-Missouri, onde foi morar com seu tio. Em 1904 entrou num Seminário Teológico Batista de Chicago. Assim que recebeu o diploma de bacharel em 1909, se tornou pastor de uma Igreja Batista sueca, em Menominee - Michigan (ALMEIDA, 2007, p. 33-34).

Atraído pela experiência pentecostal divulgada nos jornais de Los Angeles e que se espalhava pelas cidades norte-americanas, em 1909, Vingren visitou uma Conferência Pentecostal em Chicago, onde foi batizado com Espírito Santo (aos 30 anos) e conheceu Daniel Berg. Ele pregou o batismo com Espírito Santo aos irmãos batistas, mas a divisão que surgiu entre estes o obrigou a deixar o pastorado em fevereiro de 1910. Não obstante, assumiu uma

86 Em seu curto mandato de dois anos, Peçanha criou o Ministério da Agricultura, Comércio e Indústria, e o serviço de proteção aos índios – SPI, antecessor da Funai (<https://pt.wikipedia.org/wiki/NiloPeçanha>).

⁸⁷https://pt.wikipedia.org/wiki/História_da_Suécia

88 Se Berg nasceu em 1884 e foi batizado aos 25 anos, sua visita à Suécia ocorreu em 1909.

89 Gunnar Vingren era filho de um professor de Escola Dominical na Igreja Batista sueca. Em 1898, antes de viajar para os Estados Unidos, estudou numa escola bíblica em Gotabro para ser missionário.

igreja batista sueca em South Bend – Indiana, lá a mensagem pentecostal foi aceita (ALMEIDA, 2007, p. 34; GUATURA, 2017, p. 43).

Passados alguns dias, os dois amigos foram visitar o irmão Olof Adolf Ulldin que lhes entregou uma “profecia”. Segundo Guatura (2017), o irmão Adolf foi “tocado” por Deus para dizer a eles que a divindade desejava enviá-los a uma terra chamada Pará, para que lá ensinassem ao povo os fundamentos da mensagem pentecostal. Obedecendo à comissão, os missionários embarcaram no navio “Clement” e desembarcaram no Pará em 19 de Novembro de 1910 (8 meses depois de Francescon). Wesley de Paula (2013), escreve sobre o contexto histórico paraense em 1910:

[...] Belém era uma cidade em franco progresso [...] devido ao surto econômico da borracha, tornando-se um centro da comercialização do látex, matéria-prima retirada dos seringais para a produção de borracha [...] é uma cidade portuária atraindo investidores e muitos imigrantes nacionais e internacionais. Novos projetos e planos estavam destinados para Belém [...] Entretanto, uma cidade em crescimento, sem planejamento urbano, sofre com diversos problemas sociais [...] destacam-se a marginalidade, aglomeração urbana, falta de saneamento básico, miséria e estruturas de governo instáveis⁹⁰.

Quando os missionários chegaram ao Pará em 1910, o governador do Estado era João Antônio (1909-1913)⁹¹. Em sua gestão, a produção da borracha chegou ao auge (25,7% das exportações) e até 1918 seria o segundo produto mais importante no Brasil, mas as exportações começam a cair frente a competição com a borracha asiática no mercado mundial. Atraídas pelo surto da borracha, de 1890 a 1900, mais de 110 mil pessoas migraram para a região amazônica, mas quando este se findou no início de 1910, muitos imigrantes se refugiaram nas cidades, aumentando ainda mais os problemas sociais de Belém⁹² (AMÉRICO, 2013, p. 32-33).

Os viajantes foram recebidos pelo Pastor sueco Eurico Nelson (da Igreja Batista de Belém), que cedeu a eles o porão da igreja como moradia. Antes de começarem a missão, Berg foi trabalhar na Companhia de Siderurgia Port Of Pará para sustentar as aulas de idioma de Vingren, que estudava durante o dia e ensinava a Berg durante a noite. Após aprenderem o Português, começaram a pregar o batismo com o espírito santo aos irmãos batistas, mas a

90 Paula, Wesley Américo Bergamin Granado de. Assembleia de Deus avante vai!?: transformações e tensões na construção da identidade da Igreja Evangélica Assembleia de Deus no Brasil (1911-1980), 2013, p. 32.

91 Dois fatores marcaram o mandato desse governador: a erradicação da febre amarela no Pará, e uma queda na exportação da borracha, base econômica da região amazônica na época (https://pt.wikipedia.org/wiki/João_Antônio_Luís_Coelho).

92 Aumento no índice de mortalidade e de doenças, moradias irregulares, esgoto aberto etc.

maioria rejeitou a mensagem. Em junho de 1911 eles foram expulsos da igreja, junto com outras 19 pessoas que haviam aceitado a pregação do batismo.

Em 18 de junho de 1911, Berg e Vingren fundaram a igreja Missão de Fé Apostólica no Brasil, e celebraram no mesmo dia seu primeiro culto oficial. Na madrugada de 19 de junho, a proprietária da casa, Celina de Albuquerque foi a primeira pessoa brasileira a receber o batismo com o espírito santo, em território nacional. A irmã de Celina, Maria de Jesus Nazaré, também desejou ter a mesma experiência e no dia seguinte foi batizada. Em 18 de janeiro de 1918, o nome da igreja passou a ser Assembleia de Deus, e hoje é a maior denominação pentecostal do Brasil do mundo (ALMEIDA, 2007, p. 33, 35; GUATURA, 2017, p. 44).

A Assembleia de Deus é uma igreja evangélica oriunda do Pentecostalismo clássico⁹³ e assim como a Congregação Cristã do Brasil, faz parte da primeira onda do pentecostalismo brasileiro (1910-1950). De 1911 a 1930, foi financiada e supervisionada pela missão sueca, de 1930 a meados do século XX, passou a ser financiada pela missão americana. Até 1923, os Estados da Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Amazonas, Amapá, Rondônia, Maranhão (em 1921), Alagoas, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Espírito Santo e São Paulo, já haviam sido alcançados pela mensagem pentecostal (OLIVEIRA, 2006, p. 35, 71; ALMEIDA, 2007, p. 38-40; AMÉRICO, 2013, p. 34, 36).

Em 1930, ocorreu a primeira Convenção Geral da assembleia de Deus, em Natal – Rio Grande do Norte, onde foi fundada a Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB). Houve também a fusão dos jornais Boa Semente (fundado no Pará, em 1919), e Som Alegre (fundado no Rio de Janeiro, em 1929), para surgir o jornal Mensageiro da Paz. A partir de 1930, os pastores brasileiros começaram a assumir a liderança da igreja, a princípio nas regiões norte e nordeste. Em março de 1940, foi criada a Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD), oficializando a circulação do Mensageiro da Paz (AMÉRICO, 2013, p. 79, 84, 94; ALMEIDA, 2007, p. 40, 44).

Desde 1946, a CGADB é uma pessoa jurídica com o objetivo de representar a AD brasileira perante as autoridades governamentais e outros segmentos da sociedade. O sistema de administração é um misto entre o sistema episcopal e o congregacional, onde os assuntos são previamente tratados pela convenção local (o ministério), com forte influência da liderança pastoral. A mais recente cisma na AD, foi a criação da Convenção da Assembleia de Deus no Brasil (CADB), em 2017, pelo pastor Samuel Câmara, da Igreja mãe em Belém

⁹³ Tipologia utilizada por alguns autores para denominações de origem missionária norte-americana.

(https://pt.wikipedia.org/wiki/Assembleias_de_Deus_no_Brasil; AMÉRICO, 2013, p. 142; OLIVEIRA, 2006, p. 91).

Quanto ao número de fiéis assembleianos, percebemos que continuou aumentando ao longo dos anos. Em 1950, a Assembleia de Deus já era a maior igreja evangélica do país; em 2000 contava com 8.418.140 e no senso de 2010 somava 12.314.410 de adeptos⁹⁴ (quase 50 % dos evangélicos pentecostais). Mais recentemente, de 16 a 18 de Junho de 2011, mais de 60 mil assembleianos celebraram o centenário de sua denominação, em Belém – Pará. Quanto ao Ecumenismo, o tema só foi debatido em 1962, na 16^o CGADB (AMÉRICO⁹⁵, 2013, p. 8-10, 28; OLIVEIRA, 2006, p. 95; GUATURA, 2017, p. 46).

3.5 Ecumenismo, Pentecostalismo e Assembleia de Deus: contatos e conflitos

Após conhecer a história do ecumenismo, do pentecostalismo e da AD brasileira, convém agora buscar respostas para a questão: Por que a Assembleia de Deus não faz parte do Movimento Ecumênico? Por ser uma igreja oriunda do Movimento Pentecostal, primeiro convém tentar descobrir se no ecumenismo e no pentecostalismo respectivamente, há princípios comuns capazes de tornar possível a aproximação entre ambos. Depois, convém investigar se essa postura “antiecumênica” restringe-se apenas ao Brasil, ou se é uma realidade também nas outras ADs do mundo. Decerto, algum fator histórico ou teológico deve explicar o desinteresse dessa igreja pelo diálogo ecumênico.

Segundo Guatura (2017, p. 41), o pentecostalismo e o ecumenismo provocaram inquietação no meio cristão, houve a necessidade de as tradições pararem para analisar e rechaçar ou absorver a ideia. Concluímos então que nas primeiras décadas do século XX, estes dois fenômenos não cogitaram ter diálogo entre si. Mas, apesar desta realidade é possível descobrir um princípio comum a esses movimentos: o princípio de unidade cristã, visível na experiência pentecostal da rua Azuza. Joede Braga (2007), cita um relato contido no site do Portal Evangélico⁹⁶, segundo o qual o jornal New York American fez uma publicação em dezembro de 1906, dizendo:

94 Em 2011, estimava-se o número de 22,5 milhões (<https://pt.wikipedia.org>).

95 Paula, Wesley Américo B. G. Assembleia de Deus avante vai!?: transformações e tensões na construção da identidade da Igreja Evangélica Assembleia de Deus no Brasil (1911-1980). Londrina, 2013. 205 f.

96 No dia 3 de Dezembro de 1906.

“[...] um novo movimento religioso, formado por negros e brancos, estava a começar [...] Esta colaboração vinda de todos os lugares [...] fez mais pelo Mundo do que qualquer concílio mundial de igrejas ou movimento ecumênico [...]”⁹⁷.

Esse “novo movimento”, diz respeito à experiência pentecostal da rua Azuza, que nos primeiros cultos reuniu pessoas de várias cores, culturas e nacionalidades. Cristãos brancos e negros, vinham de todas as cercanias de Los Angeles para juntos buscarem o derramamento do Espírito, sem discriminações. Numa época de segregação racial em que os Estados Unidos vivia, tal comunhão entre brancos e negros foi um fato incomum. É neste fato, que a autora Magali Cunha (2011) identifica o “princípio da unidade cristã”, comum tanto ao pentecostalismo como ao ecumenismo. Ao que parece, o êxito social descrito acima, ainda não havia sido alcançado nem pelos concílios mundiais de igrejas, nem pelo movimento ecumênico (ALMEIDA, 2007, p. 27; CUNHA, 2011, p. 36).

Seymour estava atento à unidade que a experiência pentecostal promovia, e pregava que a experiência individual com o Espírito, somado à unidade doutrinal (não uniformidade), é que dão base à “unidade cristã corporativa”. Apenas indivíduos transformados pelo Espírito e uma igreja renovada para exercer suas tarefas (ajudar os pobres, perseguir a paz etc.), poderia propiciar a efusão do espírito sobre a humanidade. Portanto, é possível afirmar que os primeiros pentecostais tinham uma compreensão do significado ecumênico da experiência pentecostal. Neste caso, o princípio do Pentecostalismo se harmonizava com o do Ecumenismo (CUNHA, 2011, p. 39).

O princípio de unidade cristã, certamente poderia promover o diálogo entre os pentecostais e os ecumênicos, mas de um modo geral representava apenas uma pequena possibilidade, levando em consideração os vários fatores que impediriam o diálogo acontecer extensivamente. Em primeiro lugar, a própria comunhão entre brancos e negros da rua Azuza não durou muito tempo, pois um tempo depois os pentecostais brancos e os pentecostais negros se dividiram⁹⁸. Este cisma, somado aos vários que ocorreram na história do pentecostalismo, acabaram deixando o princípio de unidade bastante comprometido (CUNHA, 2011, p. 40-41).

A perseguição religiosa e eclesiástica por parte das igrejas tradicionais (protestantes e católicas), o medo do desencaminhamento daquilo que consideram ser a sã doutrina e a perspectiva exclusivista do movimento pentecostal estão entre os principais obstáculos que afastam os pentecostais do Ecumenismo (CUNHA, 2011 apud PLOU, 2002, p. 90). A

97 Almeida, Joede Braga de. *O sagrado e o profano: construção e desconstrução dos usos e costumes nas Assembleias de Deus no Brasil*, 2007 Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2007, p. 27.

98 Os brancos, seriam os responsáveis pela criação do nome Assembleia de Deus.

perseguição, foi manifesta até no nome “Pentecostes” ou “Pentecostal”, que foi dado ao movimento com um tom de desprezo pelas denominações tradicionais. Vale lembrar que os pioneiros do Pentecostalismo foram clérigos dissidentes de igrejas protestantes, como Charles Parhan (metodista), e William Seymour, batista (CUNHA, 2011, p. 41; OLIVEIRA, 2006, p. 44; ALMEIDA, 2007, p. 25).

No Brasil, os primeiros pentecostais que chegaram também foram hostilizados. Quando os missionários suecos vieram a Belém haviam as igrejas presbiteriana, metodista e batista (reformadas), e a igreja católica. Enquanto ainda estavam na igreja batista, as outras igrejas (exceto a católica) convidavam a Berg e Vingren para ouvi-los. Mas, após a expulsão e o início dos trabalhos na casa de Celina de Albuquerque passaram a sofrer oposição de todos os lados. Enquanto alguns líderes protestantes os acusavam de pregar uma doutrina que não era válida para os dias atuais e que estavam trazendo divisão para as igrejas, a igreja católica os acusava de feitiçaria e advertia a seus fiéis que não dessem ouvidos a eles (ALMEIDA, 2007, p. 35; GUATURA, p. 45).

No campo doutrinal, os adeptos do Pentecostalismo não acreditam apenas que a manifestação do Espírito pode se repetir no presente século, mas também creem que os dons do Espírito são válidos para hoje. Esta postura teológica foi e ainda é a principal causa das divergências com os cessacionistas⁹⁹. Portanto, visto que a atualidade do batismo e dos dons espirituais são motivos para divergências entre pentecostais e protestantes, temos aqui um primeiro obstáculo para o diálogo entre eles, e está no âmbito teológico. A maioria das igrejas protestantes são membros de órgãos ecumênicos, logicamente o grupo cessacionista está incluído (OLIVEIRA, 2006, p. 33-34, 44).

Wesley de Paula (2013), fala também sobre esta divergência no campo doutrinal. Ele explica que a mensagem das igrejas históricas (batista, presbiteriana, metodista etc.) tinham outros enfoques e perspectivas quanto a salvação, a cura divina e o batismo com o Espírito Santo. Além de não pregarem enfaticamente a cura, também consideravam a doutrina do batismo com o Espírito uma heresia. Quanto à igreja católica, uma das mais populares divergências dizem respeito à “teologia dos santos”. Os pioneiros Berg e Vingren, afirmavam que Jesus é o único caminho para alcançar a cura, o milagre e a salvação, posicionando-se contra aquela teologia (AMÉRICO, 2013, p. 38, 40).

99 Corrente de pensamento sustentada por um grupo dentro do cristianismo (principalmente nas igrejas protestantes), na qual se afirma que os dons espirituais, como o falar em línguas estranhas, receber palavras de conhecimento, palavras de sabedoria e a interpretação de línguas etc., cessaram com o fechamento do cânon das Escrituras ou com a morte dos últimos apóstolos (OLIVEIRA, 2006, p. 33).

Outro fator “antiecumênico” é a compreensão exclusivista que muitas lideranças pentecostais desenvolveram em relação à experiência com o Espírito Santo. Segundo Magali (2011, p. 41), tais lideranças, acabaram assumindo uma postura de desqualificação da espiritualidade e da prática de outras expressões de fé, gerando reações das igrejas tradicionais. Guatura (2017, 45), por sua vez, fala sobre um período posterior aos pioneiros e diz que a partir de 1936, quando a obra missionária começou a ser financiada pela missão norte-americana, a AD começou um “proselitismo selvagem”, fundamentalista, acreditando que o batismo com espírito santo era exclusivo de seu meio.

Para Magali, esse processo que combina autoisolamento com exclusão resultou na opção da maioria das igrejas pentecostais do mundo em não fazer parte de organizações ecumênicas. Mas, alguns líderes como Donald Gee, David du Plessis e Walter Hollenweger, tomaram iniciativas favoráveis à aproximação ecumênico-pentecostal. Na primeira Conferência Pentecostal Mundial (CPM), em Zurik – Suíça, de 4 a 9 de maio de 1947, foi criado o periódico “*Pentecost*” e seu primeiro editor foi o pastor britânico Donald Gee, um dos personagens do pentecostalismo que se interessaram pelos eventos ecumênicos. Ele foi à assembleia de criação do CMI, em 1948, e até editou um relato positivo a Kal Bart, importante personagem para a história do ecumenismo.

Donald participou ainda da 2º (1954) e da 3º (1961), assembleias do CMI. Na 2º, ele foi como jornalista e estava acompanhado por Roswell Flower, observador enviado pelas Assembleias de Deus. Na 3º, participou como representante da CPM. Os líderes pentecostais antiecumênicos, protestaram contra essas participações achando que eram um compromisso assumido com o ecumenismo. Mas, Donald negava e respondia que ninguém pode permanecer isolado e esperar obter convertidos à vida do espírito, e que o próprio espírito iria guiá-los para examinar as coisas que separavam os pentecostais dos outros irmãos Cristãos (CUNHA, 2011, p. 42).

De um modo geral, os líderes pentecostais não são a favoráveis a aproximações com o ecumenismo. Parece que as oposições que sofreram das outras denominações no passado, fez com que eles se aliassem aos conservadores evangélicos. Segundo Magali (2011 apud David Bundy 1999), J. Roswell Flower se impressionou com o que viu na 2º Assembleia do CMI, mas sua mudança de perspectiva ocorreu tardiamente para mudar a direção das Assembleias de Deus, cujo credo já tinha sido mudado. Esta mudança, diz respeito à incorporação de elementos fundamentalistas no credo assembleiano, pelo antigo Superintendente Geral da AD norte-americana, Thomas Zimmerman, que tinha uma antipatia pelo CMI (CUNHA, 2011, P. 43).

É neste contexto que surge o pastor sul-africano David du Plessis, que esteve presente em várias assembleias do CMI, a convite de líderes ecumênicos, e palestrou em várias igrejas tradicionais e seminários teológicos, expondo os princípios da fé pentecostal. Esteve no Concílio Vaticano II, como observador, e foi pioneiro no grupo que iniciou o diálogo católico-pentecostal. O pastor da Missão Pentecostal Suíça, Walter Hollenweger, foi outro líder a favor da aproximação ecumênico-pentecostal. Hollenweger dedicou-se a “interpretar os ‘ecumênicos’ e os pentecostais uns para os outros”. Na 8ª assembleia foi criado o Grupo Consultivo entre o CMI e os Pentecostais, que atuou entre 2000 e 2005. O resultado foi apresentado na 9ª Assembleia do CMI (Porto Alegre, Brasil).

O resultado positivo apresentado na 9ª assembleia inspirou a continuação do grupo formado por 17 pessoas, vindas de igrejas-membros do CMI e de igrejas pentecostais. Este grupo continua o diálogo teológico sobre a natureza da Igreja – Una, Santa, Católica e Apostólica (PENTECOSTAL-CHARISMATIC..., 2011). Teólogos pentecostais têm sido convidados como palestrantes tanto nas reuniões do Grupo Consultivo como em diversos eventos do CMI. Mas a aproximação ecumênico-pentecostal não acontece sem precauções de ambos os lados (CUNHA, 2011, p. 43-44).

Parte das igrejas-membro do CMI, temem que muitas igrejas pentecostais ingressem no organismo, o dominem e comprometerem as perspectivas teológicas enfatizadas. Entretanto, a aproximação entre lideranças do CMI e do movimento pentecostal tem continuado. O luterano brasileiro Walter Altmann (2011), escreve:

[...] no ano de 2010, o Secretário Geral do CMI, Olav Fykse Tveit, foi convidado a dirigir saudações oficiais aos importantes eventos globais da 22.a Conferência Pentecostal Mundial, em Estocolmo, Suécia, e na Conferência de Lausanne III, na Cidade do Cabo, África do Sul. Ambos os fatos ocorreram pela primeira vez, atestando com grande visibilidade novas possibilidades de relacionamento respeitoso e fraterno, num processo de superações de relacionamentos distanciados [...] ¹⁰⁰.

Magali explica que o aprofundamento das relações entre os ecumênicos e pentecostais precisa ocorrer à base do discernimento espiritual e da reflexão teológica. Em 2004, a CPM ¹⁰¹ assumiu formalmente o nome Fraternidade Pentecostal Mundial e se tornou membro do CMI.

100 CUNHA, MAGALI NASCIMENTO. Pentecostalismo e movimento ecumênico: divergências e aproximações, Estudos de Religião, v. 25, 2011, p. 45.

101 Desde a criação da CPM em 1947, os líderes pentecostais tem realizado vários encontros e um conselho tem discutido temas de interesse e preocupação mútuos.

De 1996 a 2000 a AMIR e algumas Igrejas e líderes pentecostais clássicos de vários continentes, promoveram o diálogo Reformado-Pentecostal. Há ainda o diálogo católico romano-pentecostal, que a há 35 anos (desde 1972) é promovido pelo Pontifício Secretariado para a Unidade Cristã do Vaticano e algumas Igrejas e Líderes Pentecostais Clássicos de vários continentes (CUNHA, 2011, p. 45-46). Veja a tabela abaixo:

DIÁLOGO CATÓLICO-PENTECOSTAL		
FASES	PRODUÇÃO DO RELATÓRIO	TÍTULO
1.a	1977	Não mencionado
2.a	1984	Não mencionado
3.a	1990	Perspectivas sobre Koinonia
4.a	1997	Evangelização, Proselitismo e Testemunho Comum
5.a	2006	Sobre tornar-se um cristão: insights das Escrituras e dos escritos patrísticos com algumas reflexões contemporâneas

Outro órgão religioso que tem tornado possível a inserção dos pentecostais no movimento ecumênico é o Fórum Cristão Global (FÓRUM..., 2011). Este, é um ambiente aberto para o diálogo ecumênico entre cristãos das mais diversas tradições e tendências teológicas, mas que não promove o compromisso de associação. O próprio CMI e a Aliança Evangélica participam, além de outros grupos identificados com os movimentos evangelical e pentecostal. Em duas conferências que o Fórum Cristão Global realizou, houve uma expressiva presença pentecostal de vários países. A nível mundial, portanto, várias igrejas pentecostais são abertas à proposta ecumênica (CUNHA, 2011, p. 46).

A nível latino-americano temos o exemplo das igrejas “Pentecostal de Chile” e “Misión Iglesia Pentecostal” (também do Chile), que foram as primeiras pentecostais do mundo a ingressar no CMI. Isto ocorreu em 1961 mas, posteriormente, outras igrejas latinas também ingressariam. Em 1978 na Conferência de Oaxtepec – México, onde ocorreu a criação provisória do CLAI, 25% dos participantes eram representantes pentecostais. Numa Assembleia que o CLAI realizou no Brasil, em 1988, 30% das igrejas tidas como novos membros eram da tradição pentecostal. O primeiro vice-presidente do CLAI foi Gabriel Vaccaro, bispo da Iglesia de Dios Argentina (CUNHA, 2011, p. 46-47).

Quanto ao diálogo entre si, em 1971 os pentecostais latinos realizaram um primeiro encontro, em Buenos Aires. Em 1988, o CMI convocou uma consulta pentecostal latino-americana em Salvador/Brasil, que resultou nas reuniões de Buenos Aires, em 1989 e Santiago, em 1990. Nesta última, foi criada a Comissão Pentecostal Latino-Americana (CEPLA),

composta por 75 igrejas e membro do CMI e do CLAI. A Cepla, privilegia o estudo sobre a experiência de unidade do Espírito (“ecumenismo do Espírito”), participa no Diálogo Católico-Pentecostal latino-americano e no diálogo com o CMI. Em 2001, a Cepla realizou um encontro de líderes pentecostais, e criou um Conselho de Igrejas Pentecostais da América Latina e do Caribe¹⁰² (CUNHA, 2011, p. 47).

Quanto às igrejas pentecostais brasileiras, nenhuma se tornou membro do CMI, do CLAI ou do CONIC, exceto a Igreja O Brasil para Cristo que por iniciativa de seu líder, Manoel de Melo, inseriu-se no CMI em 1969. Mas, com a morte de Manoel em 1990, a instituição desligou-se da entidade ecumênica. Quanto à Assembleia de Deus, foi apenas na Convenção de 1962 que os pastores assembleianos discutiram sobre o ecumenismo pela primeira vez. Dos cinco autores consultados sobre este episódio, apenas Rubeneide Oliveira (2006), Wesley de Paula (2013) e Luís Guatura (2017) fornecem informações, veja as citações abaixo:

Os anos de 1962 a 1970 foi um período de intensos debates. Os convencionais reunidos de 15 a 19 de novembro de 1962 debatem sobre o “ecumenismo”, “missões” e o uso do “rádio na evangelização”. Durante esse período, os debates em torno das instituições educacionais se tornam mais acirrados, mesmo porque dois institutos, já estavam em pleno funcionamento [...] ¹⁰³

[...] mudanças e transformações desenvolvidas durante o processo de formação identitária assembleiana, ocorreram após debates intensos e conflituosos nas reuniões [...] três temas se destacam no período, de 1930 à 1980 [...] : Relação assembleiana com outras denominações protestantes; fusão das igrejas pentecostais no Brasil; relações com a Assembleia de Deus dos EUA [...] Segundo Silas Daniel, na convenção de 1962 foi abordado essa questão do “ecumenismo pentecostal”, após a exposição da seguinte pergunta: “É possível a união de todos os grupos pentecostais? Que devemos fazer?” [...] ¹⁰⁴

No Brasil, o Movimento Ecumênico e [...] Pentecostal tiveram o seu início juntos [...] Na Convenção de 1962, na cidade de Recife, o tema foi debatido, e o Missionário Lawrence Olson e o Pastor Raymond Carlson, ambos americanos, e o Pastor Brasileiro Alcebíades Pereira Vasconcellos alertaram acerca do perigo ecumênico [...] a comissão formada pelos missionários Eurico Bergstén e Lawrence Olson, e representando os pastores brasileiros o pastor Alcebíades Pereira Vasconcellos, assinaram um documento, em nome da CGADB, contra o ecumenismo. ¹⁰⁵

102 O objetivo seria contribuir com o enriquecimento da identidade pentecostal e sua contribuição com o movimento ecumênico e a missão da Igreja no mundo.

103 Oliveira, Rubeneide Lima Fernandes. *Movimento Pentecostal, Assembleia de Deus e o Estabelecimento da Educação Formal*. UMP, 2006, p. 98.

104 Paula, Wesley Américo Bergamin Granado de. *Assembleia de Deus avante vai!?: transformações e tensões na construção da identidade da Igreja Evangélica Assembleia de Deus no Brasil (1911-1980)*, 2013, p. 165-166, 169.

105 GUATURA, LUÍS D. S. *Diálogo ecumênico e inter-religioso para o caminho da paz*, 2017, p. 41.

Nos textos acima, é possível vislumbrar uma narrativa panorâmica da Convenção de 1962 e da relação entre a Assembleia de Deus e o ecumenismo nesse período, mas apesar de descreverem o mesmo assunto, eles claramente apresentam notáveis diferenças. O texto 1 foi escrito pela autora Rubeneide (2006), ele é o mais resumido, não entra em detalhes e logo começa a falar de “institutos educacionais”. Isto, porque o objetivo da autora em sua dissertação não é estudar sobre o ecumenismo na Assembleia de Deus, mas mostrar o processo de estabelecimento e expansão da educação na referida denominação, ao longo da sua existência (OLIVEIRA, 2006, p. 10)¹⁰⁶.

O texto 2 foi escrito por Wesley de Paula (2013) e é mais extenso, mais detalhista e abrangente no quesito temporal. No entanto, este autor também não tem como foco discutir restritamente sobre o ecumenismo, mas analisar as tensões, transformações e mutações desenvolvidas, que ocorreram no processo de construção identitária da Assembleia de Deus no Brasil, no período de 1911-1980. De 1930 em diante, começa o processo de institucionalização assembleiana e, segundo o autor, nesse processo podem ser identificadas três alas entre as lideranças da igreja: a ala progressista e liberal, a ala de centro e a ala conservadora radical (PAULA, 2013, p. 10, 165).

A ala progressista e liberal é influenciada pelos missionários norte-americanos; a ala de centro é representada pelos missionários suecos e seus apoiadores, os quais são descritos como equilibrados, que não negociam tradições; a ala conservadora é representada pelos pastores brasileiros de descendência nordestina, descritos como radicais em alguns aspectos quanto as tradições (p. 165). Num período em que a AD brasileira construía sua identidade, ela tinha que lidar com tensões internas (debates convencionais intensos) e externas (relação com as outras igrejas pentecostais, com as denominações históricas e com a AD norte-americana). No caso do ecumenismo, em especial, sabemos que a ideia foi rejeitada (PAULA, 2013, p. 165-166).

O texto 3 foi escrito pela principal referência desta pesquisa, o pastor Luís Guatura, que diferente dos outros autores escreve especificamente sobre o diálogo inter-religioso e o ecumenismo. Ele escreve que a AD brasileira não estava alheia aos acontecimentos ecumênicos a nível regional (inserção de pentecostais latinos no CMI) e mundial (CMI e Concílio Vaticano II). Tais acontecimentos, teriam levado os pastores assembleianos a debater sobre o

¹⁰⁶ Até 1943, a AD não se preocupou com a educação formal (fundação de institutos bíblicos), os missionários suecos preferiam seguir o modelo de Pethrus: escolas bíblicas de poucas semanas, com o objetivo difundir os princípios doutrinários que ratificavam a visão do Pentecostalismo. Somente a partir de 1936, quando o financiamento da obra missionária no Brasil passou da missão sueca para a missão norte-americana, foi que a educação formal na AD se tornou possível. Em 1958, o missionário Kolenda Lemos fundou o Instituto Bíblico das Assembleias de Deus (IBAD), em Pindamonhagaba-SP; e em 1961 o missionário Lawrence Olson fundou o Instituto Bíblico Pentecostal (IBP), no Rio de Janeiro (OLIVEIRA, 2006, p. 97-99; PAULA, 2013, p. 161).

ecumenismo, sobre um possível diálogo com as outras tradições cristãs, mas tal possibilidade foi totalmente condenada e, segundo o autor, até hoje (2017, quando publicou sua pesquisa) a Assembleia de Deus se mantém isolada, com mensagens anticatólicas e até mesmo antiprotestantes (GUATURA, 2017, p. 46).

Feita a explicação destes três pontos de vista, convém relacioná-los para ser possível chegar a uma conclusão harmônica, visto que há defasagens na informação que ambos apresentam. Claramente Rubeneide (2006) e Wesley de Paula (2013), concordam que o período em que a Convenção de 1962 aconteceu, foi de acalorados debates entre os pastores assembleianos. Esta Convenção ocorreu em Recife-PE, mas quanto à data exata em que foi realizada há uma controvérsia. No relato de Rubeneide (a única dos três autores que citou os dias de reunião) a data é de 15 a 19 de novembro de 1962, mas no site oficial da CGADB é de 18 a 23 de novembro de 1962”.¹⁰⁷

Outra aparente controvérsia está relacionada ao próprio tema “ecumenismo”. Nos relatos de Rubeneide e Guatura os temas tratados foram: “ecumenismo”, “missões” e o uso do “rádio” (na evangelização)”. Wesley de Paula, por sua vez, menciona apenas o ecumenismo, ao qual ele acrescenta o termo “pentecostal”. O tema discutido, portanto, foi o “ecumenismo pentecostal” sob o seguinte questionamento: “é possível a união de todos os grupos pentecostais? Que devemos fazer?”. Certamente é intrigante que Guatura não referira a este assunto da mesma forma que Wesley, sendo que ambos se utilizaram da mesma referência: o autor Silas Daniel¹⁰⁸.

Wesley (2013, p. 169), diz que o que estava sendo discutido era a fusão de todas as igrejas pentecostais, para fortalecimento deste movimento frente aos outros grupos religiosos. De fato, naquele período o movimento Pentecostal já estava bastante difundido pelo país e representado por várias denominações como as igrejas O Brasil para Cristo, Evangelho Quadrangular e outros grupos menores. Guatura (2017, p. 46), porém, dá a entender em seu relato que o debate se referia ao ecumenismo relacionado às demais tradições cristãs (protestantes e católicas), não com as outras denominações pentecostais, especificamente. Somente ao final do parágrafo ele menciona os outros grupos pentecostais, dizendo que até deles a AD se mantém isolada.

Dois fatores podem ser evocados como explicação para tal diferença na informação. Em primeiro lugar, o período de tempo que Wesley analisa vai de 1911 a 1980, enquanto Guatura

107 <http://www.cgadb.org.br/2018a/index.php/inst/assembleias-convencionais.html> (consultado em 14/09/2020).

108 Silas Daniel é um pastor, escritor e autor de vários livros, jornalista e chefe de Jornalismo da CPAD (www.cpadnews.com.br).

escreve sobre um período mais abrangente (da origem do ecumenismo aos dias atuais), discutindo a proposta do ecumenismo e do diálogo inter-religioso com a qual as tradições católicas, protestantes e pentecostais tiveram contato ao longo do tempo. Em segundo lugar, Wesley destaca o aspecto identitário da AD brasileira, que teoricamente seria desfigurado caso uma possível fusão de igrejas pentecostais ocorresse, por isso a resolução dos pastores foi:

Permaneçamos na doutrina e costumes em que fomos criados, deixando que cada grupo permaneça fora mesmo da nossa intimidade, não devendo nós, todavia, ter tais grupos como inimigos [...] mas também não tenhamos como amigos e parceiros ministeriais, pois devemos permanecer na “nossa doutrina e costumes”¹⁰⁹.

Segundo o autor, essa resolução manifesta a postura exclusivista adotada pelos líderes assembleianos de que apenas a AD poderia desfrutar da “verdade divina”, a saber do “batismo no Espírito Santo”. Quanto a Guatura, podemos supor que ele não apresenta a discussão do tema ecumenismo com a delimitação “pentecostal”, por achar mais adequado mostrá-lo como um fato contextualizado, não isolado ao círculo pentecostal. O fato é que, tanto o ecumenismo com outros ramos do cristianismo como com outros ramos do pentecostalismo, foi descartado. Em 2015, por exemplo, a CGADB não convidou nenhuma outra tradição pentecostal para participar da formação do Credo Pentecostal Assembleiano (PAULA, 2013, p. 169; GUATURA, 2017, p. 41- 42, 47).

Estes relatos e discussões acima levam-nos a concluir que a perseguição religiosa, as divergências teológicas com as outras tradições cristãs e a perspectiva exclusivista dos assembleianos são realmente as causas deste grupo se manter afastado do Movimento Ecumênico. Este desinteresse pelo ecumenismo pode ser notado até mesmo pela data em que ocorreu o primeiro debate sobre o tema, isto é, em 1962, 52 anos depois da Conferência de Edimburgo (1910), 14 anos depois da criação do CMI (1948), 1 ano após a adesão das igrejas pentecostais latinas ao Movimento Ecumênico (1961), e mais de um mês após o início do Concílio Vaticano II, que havia começado em 11 de Outubro.

Podemos considerar então, que até aos dias de hoje (2020) tais fatores continuam em vigor, embora não de maneira tão generalizada. Magali Cunha (2011), escreve:

[...] não é possível identificar um processo de abertura ecumênica pentecostal no Brasil. Existem expressões isoladas de pessoas sensíveis, que não passam deste nível individual. Uma pequena abertura pode ser identificada no fato de

109 Paula, Wesley Américo Bergamin Granado de. Assembleia de Deus avante vai!?: transformações e tensões na construção da identidade da Igreja Evangélica Assembleia de Deus no Brasil (1911-1980), 2013, p. 169.

cinco igrejas terem se tornado membros da Cepla: a Assembleia de Deus (Ministério Madureira), a Comunidade da Graça, a Igreja Brasil para Cristo, a Igreja do Evangelho Quadrangular e a Assembleia de Deus Nipo-Brasileira [...]¹¹⁰

Segundo Magali (2011, apud CAMPOS, 2005, p. 112), uma possível explicação para essa falta de abertura ecumênica está no fato de as igrejas pentecostais no Brasil terem sido originadas de missões identificadas com o “pentecostalismo branco”, dissidente do movimento na Rua Azuza. Os pioneiros Francescon, Daniel Berger e Gunnar Vingren, foram influenciados pelo dissidente William Durham, corrente que mais tarde se integrou ao fundamentalismo norte-americano. Mas, há pentecostais brasileiros que se opõe a essa explicação dizendo que a não adesão ao movimento ecumênico é resultado da exclusão e da discriminação que estes grupos sofreram (e sofrem) da parte das igrejas formadoras do movimento (protestantes e católica).

Apesar de tudo, não podemos negar que da década de 80 até a atualidade, algumas mudanças no movimento assembleiano possibilitaram a “pequena abertura” para a proposta ecumênica, citada por Magali. Em primeiro lugar, as hostilidades entre os assembleianos e os protestantes históricos foram diminuindo ao longo do tempo. Folhetos, manifestações e afrontas entre protestantes históricos e pentecostais assembleianos eram comuns. Mas, ao passar dos anos e com o crescimento da AD assim como sua institucionalização, tais conflitos foram dando espaço para relações mais amistosas, embora não de maneira geral (PAULA, 2013, p. 166-167).

Em segundo lugar, temos o caso da dissidência do Ministério Madureira, a primeira grande cisão a acontecer na história da AD brasileira. Segundo Guatura (2017, p. 47), em fins da década de 80, com crescimento do poderio financeiro e a lacuna deixada pela ICAR na condenação da Teologia da Libertação, o segmento assembleiano disparou e assim acirrou a disputa pela liderança da CGADB entre os mais antigos. Após o Pastor Manoel Ferreira assumir a liderança das Assembleias de Deus Ministério de Madureira, ele venceu a eleição para presidente da CGADB em 1983, além de presidir também a Confederação das Assembleias de Deus Sul-Americana – CADSA.

Ainda segundo o autor, em cada eleição da CGADB haviam problemas e divisões por causa da acirrada disputa entre os pastores. Para resolver isso, o então presidente da convenção propôs aos ministros que em cada eleição houvesse um revezamento sem concorrência, que foi aceito pelos demais ministros. Manoel Ferreira, portanto, não concorreu à eleição de 1985

110 CUNHA, MAGALI NASCIMENTO. Pentecostalismo e movimento ecumênico: divergências e aproximações, Estudos de Religião, v. 25, 2011, p. 48.

realizada em Goiás. Mas, em 1987 houve uma quebra de acordo por parte do Pastor Alcebíades P. Vasconcellos. Devido a isso, o Pastor Manoel Ferreira se retirou do plenário convencional e assim, na primeira assembleia extraordinária da CGADB, ocorrida em 5 de setembro de 1989 em Salvador - Bahia, a CONAMAD foi desligada da CGADB (GUATURA, 2017, p. 47).

Sendo assim, a dissidência do Ministério de Madureira aconteceu pouco depois da fundação do Conselho Latino-americano de Igrejas (CLAI) e do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (no Brasil). Embora existam vários ministérios dissidentes no movimento assembleiano, apenas AD pioneira (1911) e a dissidente Madureira (1989) serão citadas, nesta discussão sobre o ecumenismo. Veja as citações abaixo:

A Assembleia de Deus, localizada na avenida Nazaré [...] estará de portas abertas durante o Círio. Por meio do projeto “Eu+Você=Jesus” haverá distribuição de água e [...] café da manhã para os peregrinos. A ação é realizada desde 2012 e quebra o paradigma de que há rivalidade entre católicos e evangélicos [...] “Oferecer um copo de água, uma alimentação, não significa comungar da mesma fé, mas demonstrar que a igreja é desprovida de qualquer preconceito religioso, afinal, Jesus veio para as pessoas, não para as instituições”, destaca o pastor Zildomar Campelo [...] O projeto [...] é autorizado pelo Arcebispo Metropolitano de Belém, Dom Alberto Taveira, e conta com o apoio do Pastor Presidente da Assembleia de Deus em Belém, Samuel Câmara.¹¹¹

Com o desligamento da CONAMAD da CGADB, aquela adquire liberdade para ampliar os discursos e o relacionamento como porta-voz das demais tradições cristãs, ampliando, assim, o diálogo das questões ecumênicas do pentecostalismo brasileiro. A CONAMAD sempre esteve à frente do diálogo ecumênico quando se refere ao grupo assembleiano, filiando-se à Comissão Pentecostal Latino-Americana (CEPLA), através de suas igrejas filiadas, com o propósito de participar ativamente dos eventos ecumênicos dentro de uma proposta pentecostal, após a fundação desta.¹¹²

O primeiro texto refere-se à Igreja-mãe das Assembleias de Deus, localizada em Belém. É possível notar a abertura que esta igreja tem para a amizade com os católicos através do projeto “Eu+Você=Jesus”, que em 2019 fez 8 anos de execução e que conta com o apoio do Pastor presidente da AD em Belém, Samuel Câmara. Mas, tal abertura é uma exceção, pois não há menção de que a CGADB promova algum projeto semelhante, capaz de aproximar católicos e assembleianos. Portanto, tal atitude não deve entendida como promotora de ecumenismo na AD. Aliás, a própria definição de ecumenismo apresentada pelo consultor teológico da CPAD, Claudionor de Andrade, nos faz entender tal fechamento para a *Oikoumene*:

111 <https://www.oliberal.com/cirio/fraternidade-entre-igrejas-fortalece-a-fe> (publicado em 12/10/2019, às 7h45)

112 GUATURA, LUÍS D. S. *Diálogo ecumênico e inter-religioso para o caminho da paz*, 2017, p. 47-48.

Inicialmente, o ecumenismo era a concretização do ideal apostólico de agregação de todos os que professavam o nome de Cristo. Com o passar dos tempos, porém, a palavra foi sendo desvirtuada até ser tomada como um perfeito sinônimo para o sincretismo religioso. Os que buscam semelhante universalidade, pregam a união indistinta entre protestantes, católicos, judeus, espíritas, budistas etc. Tal união é contrária ao espírito das sagradas escrituras”.¹¹³

O escritor assembleiano, diz que mesmo entre os próprios evangélicos, a união acontece mais em sentido espiritual, evitando vínculos administrativos, o que dá a entender que para ele, o Ecumenismo ameaça a integridade institucional das igrejas. No que diz respeito à união espiritual, aparentemente, a compreensão da escritora Magali é semelhante. Para ela, talvez seja mais certo dizer que todo movimento pentecostal em direção ao Ecumenismo apela para as raízes que lhe são próprias: a quebra de barreiras e a ação do Espírito, que sopra onde quer e gera entendimento. Ela escreve:

O ecumênico no pentecostalismo está permeado por esse “ecumenismo do Espírito” em que o conceito de unidade é reflexo fiel da Unidade do Espírito que envolve toda a criação de Deus, sua mordomia e integridade, e surge da experiência mesma e autêntica do Espírito Santo. A principal contribuição do movimento pentecostal é recordar que o mais ecumênico é o Espírito.¹¹⁴

Mas, embora pareça haver um ponto em comum nesses dois autores, não podemos ignorar que Claudionor de Andrade fala da união espiritual entre os próprios evangélicos, enquanto Magali fala sobre uma parte do Movimento Pentecostal que já participa do diálogo ecumênico. Por fim, resta avaliar o segundo texto, segundo o qual a AD de Madureira sempre esteve à frente do diálogo ecumênico quando se refere ao grupo assembleiano. Neste ponto, Guatura e Magali dialogam entre si, pois ambos mencionam a inserção dessa igreja na CEPLA. Segundo o autor, o propósito é participar ativamente dos eventos ecumênicos dentro de uma proposta pentecostal.

A CONAMAD atuou consideravelmente no diálogo ecumênico. Com a prisão de Edir Macedo em 1992, o Pastor Manoel viu que não havia um órgão supra eclesial que representasse os pastores no Brasil, ele então fundou o Conselho Nacional de Pastores do Brasil - CNPB em 1993, para servir de órgão representativo dos ministros evangélicos, perante as autoridades brasileiras. O CNPB iria preencher uma lacuna que havia entre o segmento

113 ANDRADE, Claudionor Corrêa de. ANDD Dicionário Teológico, 1 ed. – Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 1996, p. 110.

114 CUNHA, MAGALI NASCIMENTO. Pentecostalismo e movimento ecumênico: divergências e aproximações, Estudos de Religião, v. 25, 2011, p. 48.

assembleiano e as demais tradições neopentecostais, fortalecendo o vínculo entre ambos e construindo um debate com o Estado sobre o funcionamento e liberdade dos variados segmentos neopentecostais.

Posteriormente, Manoel Ferreira visitou o então Arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Eugênio, no Palácio Episcopal do Sumaré, objetivando resolver questões políticas severas, pois a ascensão de candidatos evangélicos a cargos majoritários, produzira entre as demais religiões, certa preocupação com perseguições. O Pastor, portanto, deixou claro ao Arcebispo que tanto o CNPB como a CONAMAD só ajudariam aos candidatos que mantivessem o respeito e manutenção dos projetos sociais vinculados às igrejas, independente do credo. Em 2006, quando eleito Deputado Federal pelo RJ, o Pastor promoveu um diálogo com representantes de diversas religiões, que resultou na realização do Festival Global da Paz, em Brasília, em 2008.

Em Outubro de 2008, o Pastor e Deputado Federal Manoel Ferreira, discursou no Plenário da Câmara referindo-se ao evento que ocorreria em dezembro, com o objetivo de propagar a paz. Em tal evento, estariam presentes representações de vários países, para provar que é possível haver convivência pacífica entre os homens, mesmo sendo de confissões religiosas diferentes (GUATURA, 2017, p. 48). Eis um resumo do discurso:

Gostaríamos de [...] exaltar o magnífico trabalho realizado pela Federação para a Paz Universal¹¹⁵, a grande aliança global que se vem firmando em torno da construção de um mundo de paz e harmonia, fraternalmente unido em nome de Deus. [...] A Federação para a Paz Universal busca estabelecer laços cada vez mais consistentes entre as diversas religiões cristãs [...] vem trabalhando incessantemente em favor do diálogo entre todas as crenças, na certeza de que o poder e o amor de Deus transcendem denominações, culturas e credos, e devem constituir a busca primordial de todas as civilizações [...].¹¹⁶

Guatura (2017, p. 49), relata que tal evento trouxe descontentamento entre inúmeros pastores da própria CONAMAD, que pediram a saída do Pastor Manoel Ferreira da presidência, sendo acusado de heresias, pois tais pastores entenderem que ele havia se unido com outros líderes que não professam nem o mesmo credo, nem a mesma fé (fé pentecostal). Sendo assim, o Pastor recuou em suas atitudes ecumênicas, mas continua mantendo o diálogo, desta vez com menos intensidade. Em suma, a compreensão acerca do Ecumenismo pela Assembleia de Deus está “aquém da realidade”, pois o compreende como relações fraternas. Portanto, os debates eclesiológico, teológico e inter-religioso, se encontram distantes da realidade assembleiana.

115 Trata-se de uma instituição ligada à ONU, com sede em Nova York, nos Estados Unidos.

116 GUATURA, LUÍS D. S. *Diálogo ecumênico e inter-religioso para o caminho da paz*, 2017, p. 49.

CONCLUSÃO

Na Assembleia de Deus brasileira, ainda há muitas lideranças conservadoras que dificilmente acatarão a proposta ecumênica de unidade, é o que entendemos a partir das discussões apresentadas neste trabalho. Decerto, lideranças mais “liberais” como o pastor Samuel Câmara, de Belém, e o pastor Manoel Ferreira, do Ministério Madureira, mostram-se mais flexíveis quanto ao relacionamento com tradições cristãs diferentes, como a Igreja Católica, por exemplo. Mas, de um modo geral, não há efetiva abertura da Assembleia de Deus para o ecumenismo e, aparentemente, não haverá a curto prazo, enquanto houverem teólogos que compreendam a proposta ecumênica como uma união indistinta entre protestantes e católicos (no caso dos cristãos), e até mesmo entre estes e os judeus, espíritas, budistas etc. (no tocante ao macroecumenismo). Em suma, é possível entender que o ecumenismo, de certa forma, propõe a relativização de convicções, pois cada igreja tem interpretações diferentes sobre uma mesma questão teológica. Um possível relativismo da fé, é um compromisso que a Assembleia de Deus não parece estar disposta a assumir, para não desviarem-se do que consideram ser a sã doutrina. Por mais que, aos olhos de alguns autores, essa postura isolacionista seja questionável não é sensato ridicularizar o grupo assembleiano, pois já vimos que até entre as igrejas que participam do Movimento Ecumênico há precauções e temores.

REFERÊNCIAS

- DIAS, Zwinglio Mota. O Movimento Ecumênico: História e Significado. *Numen: Revista de Estudos e Pesquisa da Religião, Juiz de Fora*, v. 1, n. 1. p. 127-163, 1998.
- SANTA ANA, Júlio H. Ecumenismo e libertação. Petrópolis: Vozes, 1987
- BRAKEMEIER, Gottfried. Perspectiva Teológica: Ecumenismo. FAJE, V. 33, n. 90 p. 195-216, 2001.
- GUATURA, Luiz da Silva Neto. Diálogo Ecumênico e Inter-religioso Para o Caminho da Paz. Dissertação à Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2017.
- GONÇALVES, Carlos Barros. *Até aos confins da terra: o movimento ecumênico protestante no Brasil e a evangelização dos povos indígenas*. Ed. UFGD, 2011. 288 p.
- FLORENZANO, MARIA B. B. *O mundo antigo: economia e sociedade (Grécia e Roma)*, 2004, p. 14
- ARAÚJO, R. R. *Dicionário didático de língua portuguesa, 2º ed.* – São Paulo, 2011, p. 230.
- SCHMIDT, MÁRIO F. *Nova história crítica*, 2008, p. 32.
- AUGUSTO, M. R. *Ecumenismo e diálogo inter-religioso: algumas notas*. **Revista portuguesa de história**, Universidade de Coimbra, 2009, p. 6.
- CARLOS, ANTONIO. R. *Ecumenismo: perspectiva eclesiológica. Das grandes rupturas ao debate ecumênico atual*. Belo Horizonte, v. 9, p. 127-152.
- CARVALHO, LEVI. *Uma chama na escuridão*. Christian History Institute (Instituto de História Cristã), 2004.
- SOUZA, João Bosco de. Ecumenismo e diálogo inter-religioso. Dissertação Mestrado em Ciências da Religião da PUC/Goias: Goiânia, 2011.
- ROBERTO, J. V Congresso Nacional de Educação da ANEC, 2019, Cuiabá-MT).
- FONTANA, J. *Refletindo sobre o Ecumenismo*. Ciberteologia - Revista de Teologia & Cultura, ed. n. 4 – Março/Abril 2006.
- RENAN, MAYCOU da S. *O empenho ecumênico da Igreja católica*. Caminhos de Diálogo, Curitiba, ano 7, n. 10, p. 86-97, jan./jun. 2019.
- SOUZA, ALDERI M. *A missão da Igreja: Uma Perspectiva Latino-Americana*, 1999.
- CUNHA, MAGALI N. “*Quero Trazer à Memória o que me Traz Esperança*”. *Movimento Ecumênico: Avaliação e Perspectivas*. Revista de estudos e pesquisa da religião, Juiz de Fora, v. 13, p. 103-135, 2010.
- BRITO, ANDRÉ SOUSA. “*Cristianismo Ateu*”: *O Movimento Ecumênico nas malhas da repressão militar do Brasil, 1964-1985*. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2014.
- SOUZA, ROBÉRIO A. C. “*Vaqueiros de Deus*”: *a expansão do protestantismo pelo sertão cearense, nas primeiras décadas do século XX*, Niterói – 2008, Universidade Federal Fluminense, Departamento de História, p. 6-14.
- OLIVEIRA, CLÁUDIO DE. *Religiões e paz: Perspectivas teológicas para uma aproximação ecumênica das religiões*. Belo Horizonte, v. 10, n. 27, p. 917-936, jul./set. 2012.
- BRAKEMEIER, G. *Consensos e Conflitos Ecumênicos em tomo da Missão Cristã: Uma Avaliação a partir da Conferência de San Antonio*. p. 61-81, 1996.

ALMEIDA, Joéde Braga de. *O sagrado e o profano: construção e desconstrução dos usos e costumes nas Assembleias de Deus no Brasil*. Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2007.

OLIVEIRA, Rubeneide Lima Fernandes. *Movimento Pentecostal, Assembléia de Deus e o Estabelecimento da Educação Formal*. Universidade metodista de Piracicaba faculdade de ciências humanas, 2006.

BÍBLIA DE ESTUDO DO EXPOSITOR, publicada pelo Ministério de Jimmy Swaggart. 2º ed, 2015, p. 1581.

BUCKLAND, A. R. (1857-1942) & Williams, Lukyn. Dicionário bíblico universal / tradução Joaquim dos Santos Figueiredo. – 4. ed. rev. e atual. – São Paulo: Editora Vida, 2007. 622 p.

PAULA, Wesley Américo B. G. *Assembleia de Deus avante vai!?: transformações e tensões na construção da identidade da Igreja Evangélica Assembleia de Deus no Brasil (1911-1980)*. Londrina, 2013. 205 f.

CUNHA, MAGALI NASCIMENTO. Pentecostalismo e movimento ecumênico: divergências e aproximações, *Estudos de Religião*, v. 25, 2011, p. 33-49.

ANDRADE, Claudionor Corrêa de. *ANDd Dicionário Teológico*, 1 ed. – Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 1996, p. 110.

Sites consultados:

<http://pt.m.wikipedia.org>

<http://www.claibrasil.org.br/quem-somos>

<https://www.conic.org.br>

www.luteranos.com.br; www.vaticannews.va

<https://w.2.vatican.va>

www.ihu.unisinos.br.

<https://m.brasilecola.uol.com.br>).

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Historia_dos_Estados_Unidos_\(1865-1918\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Historia_dos_Estados_Unidos_(1865-1918))

https://pt.wikipedia.org/wiki/João_Antônio_Luís_Coelho

<http://www.cgadb.org.br/2018a/index.php/inst/assembleias-convencionais.html>

www.cpadnews.com.br